

ATA DA SÉTIMA AUDIÊNCIA PÚBLICA – SETEMBRO AMARELO

Ata da Sétima Audiência Pública, realizada na Câmara de Vereadores “Palácio Deputado José de Souza Cândido”, nas dependências do Plenário “Francisco Marques Figueira”, cujo prédio fica situado na Rua dos Três Poderes, nº 65, Jardim Paulista. Ao vigésimo sexto dia do mês de setembro de dois mil e dezessete, às 20h horas, dá-se o início à Sétima Audiência Pública, do Primeiro Exercício da Décima Sétima Legislatura, sob a Presidência do Ver. Lisandro Luis Frederico – PSD (Lisandro da ONG PAS), presidente da Comissão de Política Social, que, em nome de Deus e da Pátria, declara aberta a sessão e anuncia: “Esta Audiência Pública tem por objetivo a discussão sobre a prevenção do suicídio, por meio da campanha “Setembro Amarelo”. Eu queria ressaltar que esta Audiência Pública, além de disponível aqui para os presentes, ela é transmitida ao vivo pelo canal da Câmara de Suzano, no Youtube. Para dar início a nossa audiência, eu convido para fazerem parte da mesa os vereadores Max do Futebol e Rogério da Van. Para compor a mesa e debater sobre a prevenção ao suicídio na data de hoje, convido a psicóloga e coordenadora do CAPS, Dulce Ramos. Convido o educador Leandro Bassini; a psicóloga que vai falar sobre uma abordagem religiosa na questão do suicídio, Jussara Pantaleón. Dando continuidade, chamo o investigador do Necrim (Núcleo Especial de Crimes), que vai falar sobre cyberbullying, Maurício Alexandre Miranda de Souza. Também quero chamar a assessora de eventos, Ana Rosa Augusto, que fará um depoimento pessoal e a voluntária e representante do CVV (Centro de Valorização à Vida), Madalena Ribeiro. E para completar a mesa, convido o Secretário de Saúde da Prefeitura de Suzano, Luis Claudio Guillaumon. Nesta oportunidade, para participar do trabalho com a gente aqui dentro do plenário, convido o coordenador da AMAI, Matheus Moreira e o chefe de Instrução do Tiro de Guerra, Subtenente Assúres da Silva Filho. Antes de dar início ao ciclo de palestras, agradeço a presença de todos que estão aqui, e que aceitaram o convite da Câmara Municipal para fazer parte desta mesa e debater esse tema de tamanha importância. Agradeço o vereador Max, que compõe comigo a Comissão de Política Social que, inclusive, instituiu um projeto de Setembro Amarelo no município de Suzano neste mês, e que vai ser votado na próxima sessão, e agradeço a parceria dos vereadores que aceitaram a organização desse evento que é histórico, é a primeira vez que acontece na Câmara Municipal de Suzano este tipo de debate, e quero agradecer também especialmente a Vivian, que foi quem deu a ideia de promover este debate de hoje, que felizmente está se concretizando, com transmissão ao vivo pelo Facebook, para a gente gerar um material que pode ser muito importante e que pode salvar muitas vidas, afinal de contas o suicídio hoje é uma situação que mata mais do que a AIDS, mata mais do que alguns tipos de cânceres, que muitas vezes não é tratado como doença, como a própria depressão, que sofre uma série de preconceitos e por causa disso é difícil o debate, mas estes especialistas, com certeza, trarão para

cá hoje um grande conhecimento para a gente debater, para a gente ensinar e para a gente saber, principalmente, como prevenir, como diz a própria campanha do Setembro Amarelo, “a melhor solução é falar sobre o suicídio”, e é isso o que estamos propondo aqui. Antes de dar início, gostaria de chamar também a vereadora Gerice Lione. Dando início ao ciclo de palestras, a gente vai começar falando sobre o processo do Sistema Único de Saúde (SUS), e para falar sobre isso, ninguém mais especialista nesta cidade do que o secretário de saúde municipal. Com a palavra, Dr. Luis Claudio Guillaumon: “Boa noite a todos. Boa noite a todas. Boa noite aos vereadores e a toda Câmara Municipal de Suzano. Boa noite aos convidados! Para este evento que, na minha opinião, é um evento de extrema importância para a cidade de Suzano e região, eu queria começar minha fala, antes de mais nada, fazendo uma pergunta a todos: “Você está feliz?”. Era assim que eu começava meu dia – até estou vendo aqui meu “sub” nos prestigiando – quando eu servia na Marinha, durante três anos. Dentro de um navio da Marinha, confinado com todos os outros militares, eu perguntava: “bom dia, você está feliz?” Se nós não conversarmos “como vai você”, nós não conseguimos ter essa interação. Então é muito importante, e eu quis começar com essa fala, porque hoje aqui a Prefeitura do Município de Suzano, por meio dessa ação, pergunta para a sociedade: “Como vai você? Você está feliz?” Nós estamos provocando essa ação. Então, de cara eu queria agradecer e parabenizar a todos, pois muitas das vezes nos esquecemos de fazer isso, não é? Então, é muito importante nossa presença hoje aqui, não há uma superlotação, como se fosse um jogo de futebol e não acho que isso seria importante, seria bom, mas o importante hoje aqui é a gente dar o recado: “Você está feliz?, Você é feliz? Como vai você?”. Então, eu queria, primeiramente, agradecer a todos pelo evento, por essa audiência pública, para a gente dar luz, jogar luz nessa parte tão importante que eu aprendi na Medicina, que o paciente é “biopsicossocial”. Nós como Poder Público com e todas estas autoridades aqui presentes, podemos debater, e quem sai ganhando hoje é o outro lado, que está assistindo e chegando até nós através do vídeo do Youtube. Isso é o que a gente pode oferecer e como agir nessas horas que são difíceis de entender, difíceis de diagnosticar. Então, a minha fala para começar era esta, só de realmente agradecer e parabenizar, pois esse é um evento fantástico que está ocorrendo. Bem, em setembro de 2017, o Ministério da Saúde divulgou um estudo sobre o suicídio, e ele tem algumas metas, e como nós tivemos, no geral, um aumento no índice de suicídios, o Ministério da Saúde também ligou um alerta para a gente falar mais sobre esse tema. Então eu vou falar um pouquinho sobre o que o Ministério da Saúde rege para a gente, depois a Dulce que está aqui para falar sobre isso, de como é que a gente age quando, por exemplo, alguém está achando que está estranho, pode ser acolhido na rede municipal de saúde. Então até 2020 a gente tem uma meta de diminuir em 10% o número de suicídios, o que é um país feliz? Eu sempre digo isso, um país feliz, às vezes, não é um país rico. Então nós podemos sim, com o que temos, sermos um país mais feliz. Essa é a

meta, a gente tem que correr atrás disso. O que vale a pena destacar, para a gente se lembrar, e a partir daí tomarmos corpo para essa audiência, é que o que a gente tem de ações para reduzir o suicídio? O que a gente pode destacar? Primeiramente, uma coisa que a gente já realiza é a capacitação de profissionais, que é difícil, a Dulce já ajudou a gente a montar isso. Nós hoje em dia vivemos numa sociedade que a gente não fala nem “boa tarde” na rua, um “olá, tudo bem”, não é? Imagina então trabalhando, a pessoa ficar o dia inteiro, “boa tarde, tudo bem? Boa tarde, tudo bem?”, e a gente tem que incentivar mais isso daí, então é uma capacitação da Secretaria Municipal de Saúde, de alguns funcionários, para dar uma provocada mais nesse comportamento, para que todos nós sejamos mais felizes, de uma forma educada. O que nos custa um “boa noite”, “boa tarde”, “muito obrigado”, “você está feliz”, não é? Não custa nada. Então a relação de dinheiro não existe nesta história, existe de consciência, é mais ou menos nessa pegada que eu queria passar para a gente debater também. Então, o diagnóstico de suicídio de 2011 a 2016 é um absurdo, tanto que o vereador Lisandro falou: mata mais do que a AIDS. A AIDS é uma doença hoje que é controlada, a gente tem muito aidético que não morre mais de AIDS, mas, por exemplo, eu não posso deixar de citar que parece uma guerra, 62.804 (sessenta e dois mil, oitocentos e quatro) casos de pacientes brasileiros, amigos nossos, que morreram por causa do suicídio. Então é um número muito alto para a gente deixar de lado; é muito importante essa meta de redução de 10%, que o Ministério da Saúde indicou. É multifatorial, a gente vai discutir isso aqui, não existe essa de “olha essa pessoa está com cara de suicídio”, não existe. É na conversa, é sabendo que existe a doença também. Então, a gente tem que saber trabalhar tudo isso daí. Desde 2011 a notificação de tentativa é obrigatória pelo Ministério. Isso é importante para a gente ter dados. Estou dando essas partes técnicas para gente saber onde a gente se situa. E vocês terem dados disso é importante, a gente começa a tentar fazer um bem estar social. Saúde é isso, é bem estar social, é ter uma vida digna no começo, meio e fim, todos nós iremos morrer um dia, mas com dignidade, então temos que ir atrás dessa dignidade. Outra parte importante que eu queria falar é o seguinte, a gente tem o Centro de Assistência Psicossocial (CAPS), que tem esse papel fundamental na prevenção do suicídio. Um boletim apontou que nos locais onde existem CAPS, e temos aqui na cidade, que é referência, a Dulce é referência regional, temos que nos orgulhar disso, correr atrás e fazer melhorar, mas somos exemplo para as outras cidades. Quando a gente participa em algumas reuniões eles perguntam “vocês têm CAPS, CAPS-AD, CAPSi, todos esses CAPSs?” Temos, e é muito importante, e por que eu estou falando isto? Porque cidades como Suzano, onde existem esses suportes da prefeitura, do Ministério, do Estado para a saúde mental, reduz em até 14% o número de incidência de tentativa de suicídio, na verdade. Então a gente já tem efetivamente uma coisa importante na cidade que a gente precisa ampliar, reverberar, começar a fazer isso andar mais, falarmos mais “você está feliz?” “Está tudo bem?” “Boa tarde”, porque a

gente quer o bem, e depois de um diagnóstico, vamos tratar juntos, vamos correr atrás. Outro ponto importante para a gente lembrar é o Centro de Valorização da Vida (CVV). O Ministério da Saúde tornou gratuita a ligação para a instituição, que dá um apoio emocional para a prevenção de suicídios. Eu sempre aprendi na faculdade de Medicina que quem quer cometer um suicídio, ou está a fim, é muito complicado, eles nos enganam, temos que ter conversas desse tipo sempre, pois se naquele momento o suicida falar, “será?”, tem algum escape para fazer, tem como ligar para dar esse suporte, o que é muito importante também. Já em Suzano, só para a gente finalizar, a gente tem uma estimativa que, segundo os dados de mortalidade do município de Suzano, extraídos do sistema, nós tivemos em 2016, 8 (oito) casos de óbito por suicídio, seis do sexo masculino e dois do feminino, e até 31 do mês passado, tivemos 13 (treze) casos de óbito por suicídio: sendo dez masculinos e três femininos. O índice de incidência de cada 100 (cem) mil habitantes em 2016 foi de três casos, e agora em 2017 foi de cinco. Isso também gera um alerta para a Secretaria Municipal de Saúde de que aumentou esse índice de suicídio na cidade de Suzano, é multifatorial, não dá para falar que é por causa da crise, não dá para falar que é por causa da política, não dá para falar que é a parte financeira, mas é importante a gente ter dados para a gente trabalhar, como a gente está fazendo aqui, e eu gostaria de parabenizar de novo essa audiência pública. Finalizando, o dever de casa que a Secretaria está fazendo é a capacitação dos profissionais que ficam nos prontos socorros de saúde mental, tem capacitação de todos os médicos clínicos, pediatras, ginecologistas da rede de saúde, e a capacitação de todos os profissionais de atenção básica em saúde mental, para ter o acolhimento em saúde mental e dar mais eficácia na identificação de sofrimentos e transtornos mentais. A gente tem de estudar, estudar, estudar, conversar, conversar, conversar e no final das contas aprender a viver melhor em sociedade. Minha fala é esta, aqui, hoje. Queria agradecer novamente. Temos metas do Ministério da Saúde para a gente correr atrás, temos alguns dados para trabalhar aqui em Suzano, temos ações efetivas que a gente já está fazendo, e a gente precisa ampliar e reverberar isso, e a grande oportunidade que eu queria agradecer de poder falar aqui é que dá para fazer, vamos correr atrás e vamos melhorar o que temos, vamos em frente. Obrigado!” O Ver. Lisandro Luis Frederico abre a palavra para qualquer pessoa da plateia fazer questionamentos. Não havendo manifestação, passa a palavra aos integrantes da mesa para questionamentos. Não havendo manifestação ele diz: “Doutor, gostaria de lhe perguntar o seguinte: quem está assistindo a gente, quem está na plateia, que acha que é uma possível vítima, e que pode se tornar um suicida, enfim, a quem essa pessoa recorre? É indo ao Posto de Saúde? Ela procura a Secretaria de Saúde? Como funciona essa parte do sistema hoje?” **RESPOSTA do Dr. Luis Claudio Guillaumon:** “Então, como a gente está capacitando toda a rede, já pode procurar a sua Unidade Básica de Saúde (UBS), falar lá com o auxiliar de enfermagem, com a enfermeira. Pede para conversar, e ela já vai ter todo esse carinho de chegar e conversar e depois

encaminhar para o profissional da saúde mental para fazer esse diagnóstico e acompanhamento desse paciente que está se sentindo frágil, vulnerável”. **Ver. Lisandro Luis Frederico:** “Está bom. Muito obrigado Dr. Luis Claudio Guillaumon, queria aproveitar para registrar e agradecer a presença da doutora Ariana Anari Gil e da doutora Jeaine Cristina Gil, que são da OAB de Suzano, e registrar também uma carta encaminhada pelo Deputado Estevão Galvão, que inclusive foi o deputado que nos trouxe o investigador Maurício, que vai falar sobre o cyberbullying. E na carta, em resumo, o deputado pede desculpas por não estar presente, pois tinha compromissos previamente assumidos. Além do deputado recebemos também uma correspondência do vereador Denis Cláudio da Silva, que também parabenizou pela ação e informou que infelizmente estaria impossibilitado de comparecer ao evento, devido a compromissos previamente assumidos. Dando continuidade ao ciclo de palestras, convido para vir à tribuna a Dulce Ramos, que é psicóloga coordenadora do CAPS, e vai falar sobre depressão na visão da psicologia. **Com a palavra, Dulce Ramos:** “Boa noite a todos, todas. É uma satisfação estar aqui nesse momento. Agradeço aos vereadores, aos colegas que compõem a mesa, ao público presente, eu agradeço aos colegas da imprensa também, por termos a oportunidade de falar sobre uma temática tão relevante, não só em setembro, acho que é uma temática relevante para que nós possamos dialogar, conversar sobre as questões de saúde mental que perpassa todos nós. Saúde mental não é uma questão de um só indivíduo, todos nós temos as nossas fragilidades, os nossos sofrimentos, as nossas dores, então podermos falar disso publicamente é muita satisfação para um profissional da saúde mental. Eu sou servidora pública, concursada no município, e nesse momento eu coordeno a rede de atenção psicossocial do município. Nós temos quatro CAPS e outros equipamentos de saúde mental, mini equipes distribuídas em nove unidades básicas de saúde. Como o Dr. Luis Claudio falou, eu acho importante a gente ressaltar que o acolhimento é a primeira ferramenta fundamental para a gente fazer a prevenção, para sermos acolhidos no sofrimento, e nesse sentido multiplicamos os nossos esforços, para que todos os profissionais de saúde, não só os psicólogos, já se predisponem a cuidar do outro, esses profissionais têm a ferramenta da escuta. Ao longo de bastante tempo e neste ano, nós estamos intensificando de novo a capacitação para o acolhimento em saúde mental, a partir do momento em que essa pessoa é acolhida, identificado um sofrimento ou transtorno mental, e no caso específico de risco de suicídio, essa pessoa é encaminhada aos CAPS. Os CAPS são os equipamentos que têm uma equipe multiprofissional mais habilitada para poder fazer o cuidado integral, para poder pensar no projeto terapêutico singular para aquela pessoa; se for necessário, realizar uma internação para a proteção da vida, é o CAPS que vai fazer essa articulação. Então eu acho importante a gente ressaltar isso e ressaltar também que os pontos de emergências, no caso o Pronto Socorro é um ponto de emergência no município, e quando a pessoa está em risco a gente vai acessar um ponto de emergência, que funciona 24 horas, que está sendo capacitado, já

estamos na segunda turma, estamos capacitando as equipes para elas acolherem as pessoas, acho que é relevante, estou emendando na fala do Secretário, pois acho que extrema relevância a gente falar sobre isso. E quando a gente fala sobre suicídio, a gente está falando de um fenômeno que é multifatorial, ou seja, não dá para nós reduzirmos a uma única causa, mesmo que o gatilho, o fator desencadeante seja uma causa, nós não podemos considerar aquele gatilho estressor como a causa do suicídio. Temos que pensar que é uma pessoa, com uma existência, com uma história, com marcas na vida, com sofrimento que ao longo da vida daquela pessoa construíram aquele sujeito e a forma como ele responde aos fenômenos do cotidiano. Temos também que pensar que não tem a ver só com o sujeito, tem a ver com nossa cultura; tem a ver com a forma como a gente entende a morte; como a gente lida com a morte; como a gente lida com a vida e com os valores que a gente atribui à vida. Hoje, a gente vive uma cultura de uma vida ideal, de uma vida perfeita, uma vida feliz. É importante a gente ter essa empatia com o outro e falar: “Você está feliz?” Ou desejar a felicidade para o outro, mas nem sempre nós estamos felizes. Nós temos uma cultura que evidencia essa falsa felicidade, uma falsa verdade, de que a gente está feliz o tempo todo. E nós não estamos. Nós temos os nossos sofrimentos, a nossa história, e é muito importante a gente ter espaços para falar de quando nós não estamos felizes. No Facebook, ninguém vai postar que não está feliz; ninguém vai postar uma selfie chorando, ou num momento muito triste, eu acho que nem é um espaço para isso, é uma rede social, No entanto, nós precisamos de espaço para entrar em contato com aquilo que nos atravessa, com aquilo que é da nossa história, aquilo que nos marcou na infância, aquilo que nos marca agora. Então, quando nós pensamos em falar sobre suicídio, também temos que pensar sobre a morte; pensar sobre a vida; que sociedade é essa que estamos construindo; que relações estamos criando com as pessoas. Então, quando a gente tem um alto índice de suicídio, talvez precisemos pensar onde estamos falindo enquanto cuidador, nos cuidados com o outro, enquanto sociedade, enquanto pessoa. De alguma maneira temos uma falência no nosso cuidado do coletivo, dos valores que a gente tem acerca da vida, inclusive de como lidar com questões da morte, do sofrimento. Quando a gente fala do suicida, de que ele é uma denúncia de uma crise da nossa sociedade, não quer dizer que a pessoa que morreu, fracassou. Quem fracassa é quem está vivo. Acho que nós, enquanto sociedade, devemos repensar os nossos valores, o que a gente está construindo como nosso valor para o coletivo. Quando pensamos: o que faz uma pessoa querer morrer? Ela sempre está doente? Ela sempre está com depressão? Qual é a causa do suicídio? É muito perigoso falarmos “a pessoa está com depressão, então ela vai se matar”, isso não é um dado real. Das pessoas que têm depressão grave, 17% delas têm o risco real de suicídio. Outros transtornos mentais também têm o risco de suicídio. Os transtornos mais graves, a esquizofrenia, transtorno afetivo bipolar e demais outros transtornos têm o risco de depressão, mas nem todos que tentam o suicídio estavam naquele momento com um transtorno

mental, com um adoecimento. Mas a grande maioria das pessoas que fazem a tentativa de suicídio têm alguma questão, algum sofrimento emocional ou transtorno mental, porque existe o sofrimento e o transtorno. O sofrimento é comum a todos nós e pode desencadear por alguns eventos, por situação de isolamento, com pessoas que tiveram perdas significativas na vida, as pessoas com mais fragilidade de apoio social, que não tem laço social com o vizinho, não tem um familiar, essas pessoas têm um risco maior, mas isso não quer dizer que é a única causa. Temos que pensar que são várias causas, desde as sociais, ambientais. Um fato relevante é que no Rio Grande do Sul tem uma grande incidência de suicídios, mas é na região agrícola, onde há o uso muito grande de agrotóxicos, por causa da cultura agrícola. Há quem diga que o uso de agrotóxicos também é um fator desencadeante do suicídio, pois ele traz adoecimento. Uma pessoa com doença incapacitante, uma pessoa com desfiguração, que teve alguma queimadura, algum acidente que a desfigurou ou alguma mutilação tem mais propensão, junto com outros fatores tem mais risco. As populações mais vulneráveis, por exemplo, a população LGBT, os indígenas, as populações em situação de rua todas elas têm uma prevalência maior de suicídio por causa dos fatores sociais, dos fatores pessoais e por conta do adoecimento também. Então, falar sobre suicídio, não será necessariamente falar sobre a depressão. Embora a depressão seja muito importante, é necessário que possamos diagnosticar e diferenciar a depressão da tristeza. Todos nós temos tristeza na vida, no cotidiano. Às vezes, existe a tristeza que é patológica, que é mais persistente, a dose dessa tristeza é incompatível com o fator que a desencadeou. A depressão não está associada necessariamente só a isso, pois ela tem fenômenos bioquímicos, genéticos, culturais e psicológicos. Então, a depressão é um dos fatores que precisamos identificar, mas eu gostaria não de me ater aos fatores de risco, mas poderemos pensar quais são os fatores protetores para o suicídio, o que podemos fazer frente uma pessoa que tenha o risco de suicídio, é nisso que eu gostaria de me ater brevemente. Se acaso identificamos alguém que nos diz que quer desaparecer, que não quer mais existir, que não encontra sentido na própria vida, pode ser que estejamos em contato com alguém que está em sofrimento real. E, às vezes, as pessoas falam que quem tentou suicídio e não conseguiu está tentando chamar a atenção. De fato, essa pessoa está querendo chamar a atenção para o sofrimento, ela está pedindo ajuda, e é um mito falarmos que quem vai se suicidar não avisa. Ela avisa, só que de outras formas. Nem sempre ela vai nos contar que tem um plano, um planejamento suicida, mas ela vai dando algumas dicas. Nem sempre daremos conta de interpretar essas dicas, mas é importante que quando a pessoa nos pedir ajuda, nós possamos oferecê-la. Primeiro, ouvindo-a sem julgamento, com neutralidade, o que nem sempre é fácil, pois ao ouvir que a pessoa quer morrer podemos querer dar conselhos ou fazer julgamento de valores, mas ouvir essa pessoa e inclusive se oferecer para procurar ajuda juntamente com ela. O acolhimento é fundamental e poderemos falar “vou te acompanhar numa consulta”, ou “vou te acompanhar na UBS, no

CAPS". Então, quando identificamos alguém que nos diz que quer morrer, que quer desaparecer, que a vida não tem mais sentido, podemos procurar ajuda para essa pessoa. Pode ser um evento daquele momento? Pode. Que bom que acessamos uma ajuda, ofereceu escuta, e essa pessoa pôde se sentir cuidada. De qualquer forma, podemos evitar. De cada dez tentativas, se pudéssemos acolher, poderíamos evitar nove. Uma, talvez, não evitaríamos, mas poderíamos evitar a grande maioria das tentativas. Os fatores protetivos são menos estudados. Nós estudamos muito mais os fatores de risco, aquilo que causa, do que aquilo que protege. Mas é importante pensarmos que as pessoas que têm vínculos nem sempre são de familiares, pode ser vínculo com o vizinho, que faz parte de alguma associação, de alguma agremiação, que tem amigos. Os vínculos são fatores protetores, mas logicamente, não só eles, a religiosidade, não é necessário estar atrelado a alguma instituição religiosa, mas a fé é um elemento protetivo, ter filhos, ter crianças no ambiente de convivência, estar empregado, ser uma pessoa com capacidade de adaptação. Uma pessoa que se adapta melhor tem um risco menor, está mais protegida. A capacidade de resolver problemas, se não tivermos, podemos procurar ajuda para aprender a resolver os nossos problemas. Então, quando uma pessoa não tem esses fatores, nós podemos tentar ajudar essa pessoa promovendo isso, promovendo uma rede de apoio, promovendo pessoas com quem ela possa conversar, promovendo ajuda para que ela possa solucionar pequenos problemas que, às vezes, ela não consegue resolver. Falar sobre os fatores protetores é muito importante. E uma última coisa que achei bastante interessante, há várias cartilhas muito importantes disponíveis na internet, há uma para jornalistas, do Conselho Federal de Psicologia, que fala da importância da divulgação do suicídio e de como fazer essa divulgação para evitar o efeito contágio, que de fato existe, mas precisamos divulgar da maneira correta, está disponível no site do conselho, há várias outras cartilhas. E num dos materiais há uma fala que achei muito importante que diz que quando a gente quer ajudar uma pessoa com risco de suicídio precisamos ter Ânimo, e o que é Ânimo? É uma sigla, o A é de atenção, precisamos ter atenção com o outro, atenção com quem está ao nosso lado, às vezes é um colega de trabalho. A atenção é fundamental, se percebemos que o colega de trabalho que sempre estava presente, animado, anda um pouco mais descuidado, está diferente, com palavras mais desencorajadas, então devemos ter mais atenção. O N é de neutralidade. Quando nos deparamos com uma pessoa que diz que quer morrer, precisamos ter uma neutralidade suficiente para escutar, sem colocar nossos valores, sem colocar nossos preceitos, sem dar conselhos, sem minimizar, sem falar que isso vai passar, então a neutralidade é fundamental. O I é de interesse, pois temos que ter interesse real pelo outro, não é raro uma pessoa falar com alguém e essa pessoa estar com atenção ao celular, ou olhando para o outro lado, e então essa pessoa para de falar, às vezes, essa pessoa gostaria de contar algo muito relevante, mas por não encontrar interesse do outro, ela para de falar. Nós precisamos do interesse. Então,

quando queremos ajudar alguém para evitar o suicídio, precisamos demonstrar interesse real naquilo que ela está contando. E por último é o MO, que é a motivação. A motivação é mais difícil, pois precisamos ter certa dose de entusiasmo para ouvir tudo aquilo que a pessoa está falando e não desanimar junto com ela. Você pode falar: “poxa, já falei dez vezes para ela não desanimar, melhorar e ela está falando de novo em morrer”. Por isso a motivação é fundamental. Então se conseguirmos ter ânimo para olhar para nosso próximo, talvez seja um fator bastante interessante de proteção. Peço desculpas, se acaso me estendi no horário.” **Vereador Lisandro Luis Frederico:** “Obrigado Dulce Ramos, psicóloga e coordenadora aqui do CAPS de Suzano, mais uma vez a gente deixa o espaço aberto para quem queira fazer perguntas, na plateia tem alguém? É só levantar a mão. Alguém da mesa gostaria de fazer alguma pergunta para a Dulce?” **PERGUNTA do Professor Leandro Bassini:** “Dulce, comentamos aqui que você nos disse sobre o índice de suicídios aqui em Suzano, que em 2017 houve 13 suicídios, a maioria eram jovens. Existe algum fator associado, neste momento, entre juventude e suicídio, ou não?” **RESPOSTA:** Há estudos sobre suicídio, e em nosso município não difere disso, tem um recorte populacional, sendo o público jovem e o público idoso. Então, há prevalência entre as pessoas com mais de 70 (setenta) anos e no público que está numa idade produtiva, que está numa fase de transição da vida, predominantemente do sexo masculino, embora as tentativas sejam em maior número no sexo feminino. Não é diferente do cenário do Brasil. Vários estudos apontam para diversos fatores, mas devemos pensar também que são momentos decisivos da vida do sujeito. A entrada da vida adulta, quando o sujeito está saindo da adolescência, ele é convocado para um mundo que é esse mundo que estamos falando, ideal, do desempenho, então o fator desse ciclo da vida também é significativo. E na terceira idade a causa tem muito a ver com isolamento, é a fase em que você para de trabalhar, fase que o sujeito perde muitos amigos, pois morrem, então isso tudo nessas fases da vida influencia muito nos fatores para o suicídio.” Vereador Lisandro Luis Frederico: “Obrigado Dulce. Mais alguém quer fazer alguma pergunta? Sendo assim, agradeço a Dulce. Eu gostaria de agradecer a presença no nosso ex-vereador Said Rafal, que também é presidente do partido PSD, e agradecer a presença do Secretário de Desenvolvimento Econômico, André Loduca. Também queria registrar que o Secretário Luis Guillaumon tem um compromisso externo e precisará sair, mas desde já agradecemos sua presença Secretário. Dando continuidade ao ciclo de palestras, a terceira palestra desta noite é do professor Leandro Bassini que falará sobre bullying. **Com a palavra o Professor Leandro Bassini:** “Boa noite. Gostaria de cumprimentar a todos os vereadores pelo presente trabalho de hoje, cumprimento a todos os colegas da mesa, a plateia aqui presente, ao público de casa. Essa é uma temática extremamente importante nos dias de hoje, e venho como educador. Minha experiência, minha formação profissional é na área de Educação, hoje trabalho na Secretaria de Educação do Município. Trabalhei muitos anos com formação de professores,

na universidade, nos cursos de Pedagogia, nos cursos de Licenciaturas em História, Geografia e atuei muitos anos em sala de aula. O que trago para vocês hoje é minha visão de educador na escola, acho que é uma faceta importante desse problema. Na verdade, como foi dito pelo secretário e pela Dulce, temos que falar em multifacetadas desse problema, e a escola, a convivência na escola da juventude é um fator importante para que possamos entender todo o contexto e todas as consequências da violência que se gera nesse grupo específico. Reafirmando essa é uma questão social, que sociedade temos hoje? O suicídio é histórico, sempre existiu, mas qual a sociedade que temos hoje? E que valores ela defende, que ela traz embutido no seu dia a dia? E o que isso representa para cada um de nós? Se eu pensar em escola, estou pensando em juventude, estou pensando em jovens, e hoje, apesar de toda a comunicação ser estreita, de haver vários espaços de comunicação, nós vivemos numa sociedade de isolamento. A solidão é uma marca do nosso tempo, não só entre os idosos, mas entre nós, e entre os jovens. Os jovens estão em grupos o tempo todo. Os jovens estão em vários eventos. Como assim, isolamento? É que vivemos atualmente numa sociedade que está fugindo do diálogo olho no olho, do contato com as pessoas. Sempre falo, projetamos nos filmes de ficção a virtualidade, o mundo virtual, que está no futuro. Não, ele não está no futuro, o mundo virtual ocorre agora, ele já é! Então, hoje em dia temos uma mescla de mundo virtual com o real, eles se mesclam e caracterizam o nosso mundo de hoje. A virtualidade é algo que está entre nós o tempo todo. O que eu quero dizer com isso? É que nosso relacionamento de grupos se estende para outro tipo de relacionamento, que é virtual, mas não tem instrumentos tão poderosos de agregar e de acolher. Todos sabem disso, não entrarei nessa seara, pois o doutor Maurício falará sobre isso, sobre os hábitos de abertura, mas as relações que estabeleço no mundo virtual são frágeis e são de uma virulência tanto para o amor quanto para o ódio, e isso traz o não diálogo, isso traz apenas frases impositivas, sem defesa. Então, se eu quero fazer uma crítica a algo, eu uso todo o instrumento virtual que tenho para fazer uma crítica agudíssima, não há meio termo, não há uma relação de meias palavras, no amor também é assim afirmação nesses meios virtuais. E por que estou trazendo essa discussão? Para dizer que apesar de sermos uma sociedade com todas as possibilidades a mão, de diálogo, e de comunhão com o outro, nós não o fazemos, e então vêm as outras características, temos uma sociedade que privilegia o sucesso, a beleza, histórias sempre de felicidade e isso traz um sentimento de competição e de desigualdade entre os sujeitos, e até mesmo a negação do diálogo. Na escola, um fenômeno muito conhecido atualmente é o bullying. Bullying é um fenômeno contemporâneo? Na dimensão que se tem hoje, sim. Muitos dizem que quando eram crianças, na infância, já existia o bullying, já havia quem sofria com isso, e nada aconteceu com esse indivíduo, e dizem que é frescura. Bullying não é frescura! Hoje em dia o fenômeno do bullying, da agressão sistemática, com fim consciente de provocar o mal no outro, intermitente, é um fenômeno contemporâneo, da maneira como se manifesta hoje. No passado,

nós enfrentamos situações de agressões psicológicas, físicas, moral, sexual, e todas os tipos de violência possíveis, nós enfrentamos isso na escola, mas numa dimensão muito menos do que temos hoje. Eram menos graves ou menos agressivas que hoje? Não, cada um sabe e sente de uma forma, eu não posso graduar essa dor da agressão em cada um, mas sem dúvida nenhuma a dimensão que isso toma é muito grande. Hoje, o bullying, essa ação de agressão realizada na escola, não fica fechada na escola, ela vai com o indivíduo para casa, conforme o Maurício vai descrever daqui a pouco no cyberbullying, ela vai com você nas férias, ninguém esquece o que aconteceu enquanto está de férias, as mensagens continuam chegando. E o grupo de pessoas que ficam sabendo de uma história, de um apelido, de uma agressão, hoje em dia é incomensurável, é muito grande. Na nossa época, há 50 ou 40 anos, era diminuto, as consequências, digamos assim, eram menores, claro que depende de cada um, de como a pessoa sente. Mas hoje, significativamente, isso se espalha de uma forma que nós não temos controle, e o sentir a violência pode ser mais significativo para cada um. Na escola, o bullying se manifesta de muitas formas, desde um colega que isola o outro, o isolar é uma questão pouco vista, as “panelinhas” ou grupos em detrimento do isolamento de outro colega na sala de aula, na escola. Essa é uma forma de bullying, desde que feita de forma sistemática, com o fim de realmente agredir, quando se dá vindo de pessoas que tenham uma vantagem física ou psicológica, se é que posso dizer isso sobre outras pessoas, normalmente isso ocorre sobre pessoas mais vulneráveis ou que estejam num momento mais vulnerável. As vítimas estão sempre mais vulneráveis em relação ao agressor ou ao grupo agressor, e isso acontece entre as crianças mais novas, mas mais significativamente entre os jovens, por isso, não foi por acaso que fiz a pergunta a Dulce, justamente para puxar esse fio entre a adolescência e a escola, a relação entre adolescência, escola, bullying e os caminhos que se seguem em função dessa grande violência que se sofre. Atualmente, o modelo de ensino que temos não privilegia o diálogo nas escolas. Pode-se pensar o contrário, pois os jovens não param de falar nenhum segundo nas escolas, mas falam entre si. Qual o momento que se tem hoje nas escolas para que os jovens falem sobre o que pensam e o que sentem? Normalmente, as escolas são dominadas por um material já pronto, preparado, com um determinado ritmo de falas do professor. Não há tempo para respiro, não há tempo de olhar no olho do aluno e perguntar “o que está acontecendo?”, ou a pergunta que vocês fizeram: “você está feliz?”. Não existe esse tempo dentro de sala de aula, ou na própria escola, o jovem não consegue falar, não consegue se expressar. Puxando para um outro assunto paralelo, quantos programas de jovem existem hoje na televisão brasileira, seja aberta ou fechada? Muito pouco, ou seja, a palavra do jovem não é ouvida, não se escuta os jovens, e esses são alguns gargalos que precisamos resolver na escola e nos meios de comunicação em geral. O jovem não tem palavra. É muito importante chamarmos a discussão à juventude e quais são os caminhos dela em Suzano, por exemplo. Quais perspectivas de vida ela tem, quais

perspectivas futuras de trabalho, de diversão, de qualidade de vida, já que esse é um público que realmente está sem espaço para manifestação. As crianças estão bem acolhidas nas escolas e elas conseguem ainda conversar entre si, pelo menos até o sexto ano, depois disso é um processo de isolamento, de mudança completa do corpo, da cabeça e dos grupos. E nesse momento mais delicado da vida elas não têm com quem conversar. Os professores não têm preparo para enxergar alunos que precisam conversar, precisam trocar ideias com alguém, o não tem preparo, não percebem, pois o ritmo de aula é frenético, ele está concentrado no material, num ritmo que não é do aluno, mas é do material didático, tudo isso tira o aluno do diálogo possível e necessário, na sala de aula não há esse tempo, não há esse espaço. Bom, eu já não tenho o diálogo, para quais caminhos irei seguir, se estou sendo violentado, agredido ali? Eu tenho vários caminhos a seguir, tornar-me violento com outros indivíduos ou comigo mesmo se não encontrar escapatória, daí vêm alguns índices de suicídio entre os jovens. Há casos ligados a esse no Brasil e no resto do mundo, os mais conhecidos são os atiradores americanos que entram nas escolas ou universidades e atiram em seus ex-colegas ou ex-professores em função, sempre dizendo tudo muito multifatorial, mas eu posso entrar na escola e atirar de problemas passados que eu não tive oportunidade de expressar ou de extravasar e cometer o suicídio. Essa é uma forma conhecida de homicídio, suicídio muitas vezes em função de casos de bullying no momento da vida escolar. Para finalizar, peço à plateia e a todos que estão aqui para pensarem na problemática do jovem, na sociedade contemporânea, a falta de diálogo que se estabelece. Sabendo que vivemos numa realidade mesclada entre virtualidade e realidade, onde silêncio, ou mais que isso, o isolamento, a incapacidade de se relacionar, hoje é uma tônica. Nas escolas, o nosso trabalho é justamente promover o diálogo, o acolhimento, que é isso que a rede de saúde faz nos postos. Nas escolas, a gente tenta desenvolver essa ação de acolher: “escuta, fala aqui, deixe-me ouvi-lo, o que você precisa dizer?” Estamos trabalhando isso nas escolas municipais, com crianças de até 11 (onze) anos, mas o ensino fundamental dois e o ensino médio precisam urgentemente ter uma dinâmica de compreensão desse fato, e precisa de estratégias nas escolas para desenvolvimento e promoção desse diálogo para falar sobre violência, sobre juventude e seus problemas, e os caminhos a seguir no futuro. Obrigado gente, estou à disposição de vocês. Obrigado.” (aplausos)

Vereador Lisandro Luis Frederico: “Obrigado, professor Leandro Bassini. Alguém da plateia deseja fazer perguntas ao professor?”

Com a palavra Sra. Maria Auxiliadora: “Boa noite, meu nome é Maria Auxiliadora, trabalho na Assistência Social de Suzano, e eu gostaria de saber se em seus estudos sobre bullying há algo sobre o fenômeno chamado Baleia Azul, nas escolas públicas, em que os jovens se cortam com giletes. Eu gostaria de saber se há alguma a ver com a questão do bullying ou se é uma questão de superação de um competir com outro aluno? Obrigada.”

RESPOSTA, professor Leandro Bassini: “Esse fenômeno não se caracteriza como bullying, mas é um jogo virtual, é um

desafio que tem consequências dramáticas, mas é encarado como um desafio entre esses jovens. O bullying é quando é uma ação direta entre o agressor e a vítima em uma situação de inferioridade, normalmente há testemunhas ao redor. Então para chamar de bullying há uma certa caracterização, que não é o "Baleia", é um crime virtual que o doutor vai explicar isso quando falar sobre o cyberbullying. Isso é um crime virtual, é uma competição sim, e atrai mais os jovens por se tratar de uma competição voltada para eles, mas como qualquer outro jogo que tem dramaticidade, que nos espanta. Não sei se vocês já assistiram filmes como "Jogos vorazes" ou qualquer outro assim. É um tipo de jogo, proposto à juventude, de automutilação e eliminação. Isso transposto para um jogo da internet provoca essas consequências. A escola tem saber, tem que discutir sobre isso e promover o diálogo, esse assunto não pode ficar fora da escola. A contribuição da escola é chamar o assunto para debate na sala de aula, mesmo não se tratando de bullying precisa ser abordado, as crianças precisam saber que é um crime virtual e precisam saber como escapar, como sair dessa armadilha. A doutora Dulce tem uma palavra. Com a palavra, Dra. Dulce: "Só tenho uma consideração sobre este assunto, não necessariamente o jogo da "Baleia Azul", mas sobre o fenômeno da automutilação, porque temos uma prevalência enorme. Nós atendemos nos CAPS, no serviço municipal de saúde mental, um número muito grande de adolescentes, inclusive, de adultos que praticam a automutilação. Aí a gente pode pensar que a cada época o sofrimento tem se manifestado de um jeito na nossa história, e hoje as pessoas tendem a substituir a dor física para anular a dor emocional. Essa é uma forma de lidar com a dor emocional, então se a gente identifica um adolescente que no calor usa roupas de mangas compridas, que está muito isolado, precisamos acionar o serviço de saúde, solicitar apoio para essa pessoa, conversar com a família, porque é um fenômeno que precisa ser cuidado." **Ver. Lisandro Luis Frederico:** "Obrigado pela contribuição Dulce. Leandro tem mais alguma consideração? **Com a palavra, o Prof. Leandro Bassini:** "Eu espero que ao longo da conversa consigamos contribuir um pouco mais, pois o doutor Maurício vai falar de cyberbullying, e veremos se fazemos um bem bolado para abordar outros temas." Vereador Lisandro Luis Frederico: "Aqui na mesa mais alguém quer fazer pergunta ao Leandro? Vereadores? Autoridades? Não? Então daremos continuidade a quarta palestra, chamo o investigador de polícia, especialista em cyberbullying, Maurício Alexandre Miranda de Souza." Com a palavra o Investigador Maurício Alexandre: "Boa noite vereador e a toda essa bancada e a todos os que estão nos vendo! Quero parabenizar a Câmara Municipal de Suzano pela iniciativa. Qualquer coisa que envolva jovens, que envolva violência, seja ela virtual ou física, o suicídio, a única maneira de podermos solucionar esse problema é falando, é conversando no dia a dia. O diálogo é a melhor cura para isso. Bom, tenho pouco tempo e o assunto é vasto. O cyberbullying é um problema crescente, justamente porque hoje os jovens usam cada vez mais a tecnologia. Esses ataques não têm limites e cada vez abrimos para o mundo e expomos nossa vida nas redes sociais. A marca

do cyberbullying é a possibilidade do agressor viver nas sombras. Ele pode criar um perfil na internet e com isso agredir outros jovens e outras pessoas. Como o espaço virtual é ilimitado, o poder do agressor se amplia, e a vítima se sente acuada, mesmo fora da escola ou do trabalho, e o que é pior, muitas vezes ela não sabe de quem se defender. Todos nós usamos cada vez mais as ferramentas de internet, e troca de mensagens via celular, muitas vezes, nos expomos, mais do que devemos, nas redes sociais, dividimos nosso dia a dia, compartilhamos nossa vida, nosso desejo de expor e expomos de maneira ampla o que vivemos em nosso mundo. O mundo está globalizado. Não existem mais fronteiras e todos têm a chave das portas de nossas casas, pois fomos nós mesmos que cedemos essas chaves. Esse tormento permanente que a internet provoca faz com que jovens e adultos sejam humilhados, e não se sintam mais seguros em lugar algum, em nenhum momento. Na comparação com o bullying tradicional, bastava o indivíduo sair de seu ambiente, e se dirigir para outro ambiente com seus amigos de verdade. No cyberbullying não. Não importa o lugar em que você vai estar, não importa se está de férias, ou sair daquele ambiente, a perseguição e a humilhação vai continuar atrás de você. Quando se trata de bullying ou cyberbullying, é comum pensar que se trata apenas de dois envolvidos, a vítima e o agressor, mas os especialistas alertam para um terceiro personagem, sendo esse um personagem fundamental para a agressão: o espectador. A vítima normalmente é insegura quando agredida, fica restrita ao seu mundo e sofre, tornando assim mais propícia a ser alvo de seus perseguidores. Geralmente, os adolescentes que foram agredidos correm o risco de se tornarem adultos ansiosos, depressivos ou violentos, tendo ataques de ansiedade, transtornos de pânico, depressão, sofrem de anorexia e bulimia, além de fobias e problemas de convívio e socialização. A situação pode, inclusive, levar ao suicídio. O agressor atinge o colega com repetidas humilhações, depreciações, porque ele se sente poderoso de obter a vantagem de humilhar o próximo. Se satisfaz por infringir isso à vítima, e com a suposição ou antecipação de quão dolorosa será a crueldade que irá praticar. O anonimato possibilitado pelo cyberbullying favorece a ação do agressor. Esse anonimato possibilita um comportamento cada vez mais cruel com sua vítima, pois ele acha que nunca será descoberto. O espectador é fundamental para contribuir no conflito. O espectador típico é uma testemunha dos fatos, não sai em defesa da vítima nem se junta ao agressor, quando recebe uma mensagem não repassa. Essa atitude passiva ocorre pelo medo de também ser alvo do agressor, mas a atenção que o espectador dá ao agressor faz com que o cyberbullying continue. Buscando a solução pela prevenção, inclui reunir todos os que estão envolvidos e garantir que homens conscientes exijam a solução do problema. Não podemos ficar omissos a esse crime e a essa agressão ao indivíduo, não se pode legitimar essa situação do agressor, a vítima precisa estar fortalecida e segura de que não será prejudicada, e ao mesmo tempo o foco deve ser voltado para a recuperação dos valores essenciais, como o respeito. A Polícia Civil conta com uma delegacia especializada, pois nós

precisamos viver e entender que somos totalmente diferentes uns dos outros, e a polícia civil tem a ideia e a concepção de que a melhor forma é a prevenção, é conversar, é falar. A Polícia Civil conta com uma delegacia especializada em crimes virtuais, e é a 4a. (quarta) delegacia de delitos praticados por meios eletrônicos. Lá há um e-mail em que qualquer pessoa vítima de cyberbullying ou bullying pode entrar em contato por meio desse e-mail (4dp.dig.deic@policiacivil.sp.gov.br) ou pelos telefones (11) 2224-0721 ou (11) 2221-7030. Essa é uma pequena apresentação sobre o cyberbullying, pois atualmente sabemos que acontece e que essa é uma realidade que sai dos meios de comunicação, das mídias e interfere no dia a dia dos nossos jovens, e eles precisam estar preparados. Toda a iniciativa pública e todos nós como cidadãos precisamos dar ouvidos aos nossos jovens. Quero cumprimentar o mestre conselheiro do capítulo a “Aliança de Suzano”, é uma ordem de jovens de 12 (doze) e 21 (vinte e um) anos. O vereador aqui é um dos que levanta a bandeira dos meninos, e essa é uma ordem feita para que os jovens se preparem para a sociedade, eles têm vários trabalhos para que a sociedade de Suzano possa falar, conversar. Essa é uma ferramenta muito importante no combate a esse tipo de crime. Sim, temos a delegacia especializada, que consegue, dependendo de como chega a informação, pois esta precisa estar impressa, a ameaça precisa não pode sair de dentro do computador, para que num processo de investigação possamos achar o IP do agressor, mas muitas vezes os agressores se escondem no anonimato, criando páginas “fake” nas redes sociais, para agredir seu companheiro, seu colega em seu convívio diário na escola. Os jovens já passam por uma carga emocional muito grande. Por viverem num mundo globalizado trazem uma carga emocional muito grande. Vários deles, como o professor disse, vivem em depressão, e muitas vezes nem sabem que estão em depressão ou com síndrome do pânico, ou então que têm transtornos psicológicos, e isso potencializa ainda mais o agressor anônimo, quando o agressor se esconde atrás das mídias e das redes sociais. Quero deixar aqui uma mensagem de que todos nós cidadãos temos que aprender a falar e também a ouvir os jovens, ouvir toda a sociedade. Essa iniciativa é extremamente magnífica, só assim nos podemos mudar essa situação. São milhares de jovens são atacados através do WhatsApp, pelo Facebook, por e-mails, e isso faz com que eles se fechem. Sem essa possibilidade, eles vão ser mais uma vítima, e as estatísticas de suicídio vão aumentar. Então parabéns a todos, parabéns a Câmara Municipal de Suzano pela iniciativa. Muito obrigado.”

Vereador Lisandro Luis Frederico: “Muito obrigado ao investigador Maurício Alexandre Miranda de Souza, da polícia especialista em cyberbullying. Abrimos o tempo para perguntas, quem quiser é só levantar a mão. Alguém da mesa gostaria de fazer alguma pergunta. Alguma autoridade. Não? Sendo assim, muito obrigado. Dando sequência à quinta palestra de hoje, a psicóloga Jussara Pantaleón vai falar sobre religião.” **Com a palavra a Psicóloga Jussara Pantaleón:** “Boa noite a todos. Obrigada pelo convite. Sou psicóloga clínica e espiritualista. Agradeço especialmente, porque acho muito oportuno dizer da

questão da espiritualidade nas causas de suicídio, pois essa questão ainda não é bem vista como um processo de cura para a pessoa que pensa em suicídio. Como eu já mencionei, sou psicóloga clínica, e trabalho numa abordagem em que a gente trabalha o aspecto bio-psíquico-espiritual. Falar hoje do aspecto da espiritualidade na psicoterapia já é comprovado cientificamente, o que é um ganho muito grande, por isso quando você falou que ia falar do aspecto religioso, quando a gente fala do aspecto de espiritualidade as questões são mais amplas, porque muitas vezes as religiões causam fronteiras. Hoje eu trabalho com muitos jovens com tendências suicidas e quando se fala em religião para esses jovens, causa certa revolta, porque as pessoas não estão mais sintonizadas com as questões de “Céu e Inferno”, por exemplo. Quando se diz espiritualidade, se pensa na bio-espiritualidade, que é uma questão de como você faz para se sentir bem espiritualmente sem dogmas, sem aprisionamentos, que, esse é o grande desafio para nosso trabalho. Não estou fazendo críticas a nenhuma religião, todas as religiões são importantes em determinados momentos da vida das pessoas, mas as religiões em si podem causar fronteiras. Deste muro para cá são os católicos, daquele para lá são evangélicos, os budistas, espíritas. Quando falamos de bio-espiritualidade é como se estivéssemos acolhendo todas as religiões dentro do que faz sentido para cada um. Quando trabalhamos exercitando o aspecto psicoterapêutico com a questão da espiritualidade, pois quando a pessoa pensa em suicídio, ela obviamente está doente, então a gente encaminha essa pessoa para um psiquiatra, para uma psicoterapia, e é essencial que a gente possa encaminhá-la para um tratamento espiritual, dentro daquilo que ela acredita, dentro daquilo que faz sentido na cabeça dela. Porque quando uma pessoa adocece psiquicamente, e essas questões são comprovadas hoje, ela vai adoecer fisicamente, mas ela já adoeceu espiritualmente. Por exemplo, quando se falou do jogo da “Baleia Azul”, os jovens que são atraídos por um jogo como esse têm comprometimentos espirituais sérios, pois eles se sentem atraídos por aquilo. Quem está fortalecido espiritualmente e psiquicamente não irá, naturalmente, se sentir atraído por um jogo como esse, que é o jogo da morte. Todos nós estamos profundamente influenciados por todas as questões psicossociais. Nós vivemos questões graves do nosso país, o mundo vive questões graves, e uma crise mundial. De certa forma até mesmo o que não está ocorrendo aqui conosco, mas o quanto está reverberando em cada um de nós. Quem são os mais frágeis, os mais vulneráveis a tudo isso? Obviamente, são os jovens. Quando conseguimos atrair os jovens para a questão de que eles precisam se fortalecer espiritualmente, como eu digo para um jovem que ele é o futuro do Brasil, por exemplo, que ele é o transformador de tudo isso que estamos vivendo, se para ele tanto faz estar vivo ou morto. Quando conseguimos resgatar espiritualmente essa pessoa, e que ela tenha um objetivo de vida, tanto as questões do tratamento psicológico quanto as do tratamento medicamentoso começam a ter um maior efeito. Quando trabalhamos com os tratamentos espirituais com as pessoas, e isso também é comprovado, porque

aumentam os níveis de princípio de prazer, de alegria, hoje os tratamentos espirituais conseguem fazer isso, essa é a grande possibilidade das pessoas resgatarem a sua existência, porque não é necessário morrer para ir ao céu ou inferno. Todos nós já tivemos dias de céu e dias de inferno, então não precisamos morrer para alcançar esses estados internos, nós os vivenciamos frequentemente. Qual é o grande desafio das psicoterapias e dos atendimentos espirituais hoje? Que eu consiga fazer que meus dias, internamente, sejam mais de céu, que eu possa encontrar esse estado de ânimo e o verdadeiro significado da vida. Como o princípio de família se transformou muito, verificamos que muitos jovens não tiveram nenhuma instrução religiosa, independente de religião, estou dizendo novamente. Não importa se o meu filho quando crescer vai seguir aquela religião, aquele princípio ou filosofia, que eu estou ensinando. Mas muitos são ateus por não terem tido o conhecimento de espiritualidade. O ateísmo que vemos nos jovens, muitas vezes, não é que eu aprendi e não acredito, mas porque não conheceram, nunca lhes foi apresentado a questão da espiritualidade, seja em que campo for. Muitas vezes a gente tenta iniciar a pessoa nesse contexto de espiritualidade: a grandeza de estar aqui nesta vida; tudo que eu posso fazer; o quanto eu posso ser um transformador, o quanto nós temos de trabalhar para termos dias felizes. Todo mundo já teve aquele dia em que estivemos mais depressivos, que não gostaríamos de sair de casa, ou aquele desânimo de não querer abrir a janela, mas isso não é justificativa para que pensemos na morte. Todas essas questões podem ser trabalhadas, tanto nos agredidos, quanto nos agressores. Quando se fala em espiritualidade queremos trabalhar com a espiritualidade. O agressor, o jovem que causa o bullying no outro, muitas vezes é mais necessitado espiritualmente, porque ele tem a capacidade da maldade, então pensamos em como podemos transformar essas trevas interiores, para que essa pessoa possa se iluminar, e o se iluminar é tudo isso que está sendo dito: é a solidariedade, é o bom dia, é o “como você está”? É eu me reconhecer como uma pessoa importante no mundo. Temos grupos de jovens e adultos, que a partir do momento em que a pessoa vai conseguindo se resignificar, vai conseguindo se conscientizar de toda a grandeza que é esta existência, obviamente, junto com as psicoterapias, com os medicamentos, pois todos os tratamentos estão associados, estou falando de questões bio-psíquico-espirituais. Então, como é que vamos tratar fisicamente por meio dos medicamentos, como vamos tratar psiquicamente por meio das psicoterapias e como vamos tratar espiritualmente? Você cerca a pessoa por todos os lados. Ela fica amparada de maneira que não tem como dar errado. E não existe aquilo, vou naquele templo religioso e vou abandonar todos os tratamentos. Não. É por meio da conscientização mesmo. A tendência suicida, as pessoas que buscam o suicídio é por um tremendo desespero. Eu me encontro tão infeliz que a sensação de que eu possa me cortar, de me ferir é mais prazerosa do que aquilo que estou sentindo internamente. Na verdade isso se chama ganho secundário, é eu trocar uma dor por outra, não é alívio de nada, mas é

como se a dor fosse menor do que a dor do existir. Enquanto a gente não resgata aquela existência, aquela pessoa poder resignificar sua vida, ela fica trocando. A questão não é quanto tempo vou viver, mas o que estou fazendo com a vida. Enquanto estou vivendo, como vou tocando a vida, porque a morte é certa. Esta viagem que todos nós estamos fazendo é certa. O que a gente trabalha é para que tudo seja no tempo certo, para que cada um possa cumprir com alegria aquele tempo que veio para ficar. Como existe o suicídio inconsciente também, por exemplo, as pessoas que usam drogas, os jovens que usam tantas bebidas, tantas festas raves, aquelas festas que duram 24h, que as pessoas perdem o sentido. De certa forma, pela ótica da espiritualidade, é um suicídio inconsciente. Ele vai buscando aos poucos aquela maneira de se matar: eu não lembro o que aconteceu, não sei quem me trouxe, ou seja, aquela ausência pode ter destruído o psiquismo daquela pessoa de tal maneira que faz um estrago completo na questão espiritual. Mas a mensagem que quero trazer é que todas as vezes em que tratarmos de uma pessoa, ou um jovem, eu falo dos jovens, porque este universo que temos, e até as estatísticas que os especialistas nos trouxeram hoje aqui são de muitos jovens da nossa cidade com tendências suicidas. Eu atendi algumas pessoas que se sentiram motivadas pela “coragem” desses jovens daqui da nossa cidade que cometeram suicídio. Então, até se pensarmos espiritualmente, a egregora que fica é que aquele que teve a “coragem”, na cabecinha dos que estão doentes, ele vira meio herói de ele ter concretizado aquilo que o outro tinha em mente. Vamos pensar nisso, o quanto estamos contribuindo para que nossos filhos tenham uma orientação espiritual, independente do que queiram seguir na vida deles, pois depois que eles estiverem em posse de seu ego eles irão fazer o que quiserem da vida, mas esses princípios de fé, de amor, de que somos os responsáveis pela construção da paz agora, porque é muito sofrimento para todos nós, com tantas coisas tristes que estão acontecendo, e se incentivarmos os jovens de que eles estarão à frente para construir tudo isso, tenho certeza de que as estatísticas irão mudar muito. Não tem jeito, isso só será possível através do amor, do acolhimento, da atenção, da generosidade, vamos conseguir ajudá-los para que realmente possam contribuir com o mundo e serem felizes acima de qualquer coisa. Obrigada.” (aplausos) **Vereador Lisandro Luis Frederico:** “Obrigado Jussara Pantaleón, que veio falar sobre espiritualidade para a gente, dentro dessa questão o suicídio. O espaço está aberto para o caso de alguém da plateia queira fazer perguntas, ou alguém da mesa, alguma autoridade. Não? Então agradeço mais uma vez a Jussara pelas palavras e dando sequência ao ciclo de palestras, chamo agora a representante voluntária do Centro de Valorização da Vida, o CVV, Madalena Ribeiro, que realizou ou trabalho que eu conheci recentemente em Mogi, na sede do CVV que atende a toda a região do Alto Tietê, e hoje veio dividir conosco um pouco dessa experiência de atender as pessoas que buscam esse canal num momento de desespero.” **Com a palavra, Sra. Madalena Ribeiro:** “Olá, boa noite a todos! Estou muito lisonjeada e agradecida pelo convite do Lisandro,

agradeço a mesa. Falar do CVV, para mim, é um prazer, porque é um trabalho que eu faço há mais de uma década, quase duas, e é sempre prazeroso, porque quando eu penso que quatro horas e meia por semana da minha vida pode salvar a vida de uma pessoa o meu dia, o meu mês está ganho. O Centro de Valorização da Vida, o CVV, foi fundado no Brasil no ano de 1962. O fato que levou mais precisamente Chad Varah, que era escritor de obituários, a montar essa instituição é que ele leu a carta de uma adolescente que cometeu suicídio, porque ela tinha a mãe doente e ela ficou menstruada e não sabia o que era. Segundo a carta, ela não quis passar pela dor e não quis que a mãe visse sofrer, então tirou a própria vida, para evitar o sofrimento dela e da mãe. Então, ele decidiu colocar-se à disposição das pessoas para que elas falassem coisas que elas não conseguiam falar para outra pessoa. Então ele emprestaria seus ouvidos para a pessoa desabafar, e assim nasceu o CVV. Uma forma e modelo samaritano, trabalhamos com a não diretividade de Carl Rogers, porque partimos do princípio de que não somos perfeitos, não temos receita de vida, e não podemos aconselhar, porque todo ser é único, somos semelhantes, mas na essência somos diferentes em alguns pontos. Então não posso passar para o outro uma experiência minha, porque estarei errando, estarei falhando. Então essa filosofia nos dá a segurança de não fazermos mal ao outro que procura nosso trabalho. Hoje estamos aqui falando do suicídio. O suicídio acompanha a história humana, cada momento aparece um evento, as guerras que já tivemos no mundo já foram grandes causadoras de suicídios. Hoje temos o evento da “Baleia Azul”, e outros, sendo assim, temos que nos renovar e acompanhar a sociedade, porque as inovações dela são preocupação para nós, do quanto podemos estar alertas e atentos para atender esse público, visto que escolhemos trabalhar com a prevenção. Falamos prevenção, porque o nosso contato maior hoje é por telefone. Então a pessoa que liga não precisa se identificar. E por que, hoje, a procura pelo CVV é tão grande? Pela confiabilidade, pelo tempo em que estamos no Brasil, e porque existe o sigilo, a única coisa que eles vão ter é nosso nome, nós podemos falar, mas eles não precisam se identificar. Basta ligar. E nós os chamamos “amigo provisório”, porque não estaremos com ele 24 horas, nem 36 horas do dia, somente no momento em que ele nos ligar e estivermos à disposição, por isso chamamos de amigo provisório, porque não podemos ter vínculos, porque estamos à disposição 24 horas de um ou de outro. Naquele momento a gente está. Fora dali pode ser outro voluntário, pode ser outra pessoa. Agora, falando do ser humano, nós temos capacidades diferentes, formas diferentes de enfrentar a vida. Então o universo do suicida mostra que nenhuma pessoa pode dizer que jamais pensou no assunto. Às vezes, num dia de fúria, às vezes por um motivo bem simples, por exemplo, para mim ou para muitos, perdi a hora do trabalho, fico com raiva, fico nervoso, eu ponho um peso: dez minutos de sono a mais pode transformar um grão de areia em um Monte Everest. É um peso, porque eu tenho essa medida. Alguém que está ao pode falar: nossa só são dez minutos! Pra ele. Pra mim é muito. Então é assim que a gente vê. Cada um tem

uma medida e temos de respeitá-la. Seguindo nessa linha, quando nós preparamos para fazer esse trabalho, passamos por dois dias de aulas, divididas em quatro blocos, no sentido de falar sobre o CVV, o que é essa instituição, para que a pessoa fique sabendo como funciona a estrutura do CVV. Depois disso, os candidatos passarão por nove semanas de treinamento, sendo um dia por semana. Serão treinados exaustivamente em todas as situações que os voluntários mais antigos já presenciaram, para que saibam o que vão enfrentar no atendimento telefônico posteriormente. Esse voluntário precisa estar bem preparado para o que vai ouvir no trabalho, primeiramente por ele mesmo, pois há situações em que se ele não estiver preparado ele pode ficar desestruturado dependendo do assunto que ele vai lidar, e segundo a responsabilidade que temos com o indivíduo que está do outro lado da linha, pois não é um trabalho voluntário fácil de lidar com outro ser humano, mas é necessário, o mundo precisa de pessoas para ouvir. Vemos por aí cursos de palestras, oratória, mas cursos de “escutatória” não há. É uma coisa que o mundo precisa: saber ouvir. E o ouvir do CVV é diferente porque nós ouvimos atentamente, trabalhamos com a pessoa que nos liga e somente com o que ela nos traz. Eu não posso colocar meu saber, minha experiência de vida, nem meus conceitos e preconceitos. Costumamos dizer que quando chegamos ao atendimento, nós nos tornamos uma folha de papel em branco, onde o outro escreve a história dele. Dizemos também que somos o espelho de quem está do outro lado da linha, porque ele tem liberdade de caminhar por todos os caminhos, e nós só o refletimos. Às vezes as pessoas perguntam vocês só ficam ouvindo a pessoa falar? Não, a gente não fica só ouvindo. Ouvir atentamente é estar atento ao que ela está dizendo, por traz da fala; que sentimentos ela traz! E a gente faz com que ele caminhe nessa busca, porque partimos do princípio de que todo ser humano é capaz. Não precisamos dizer para ele: faz assim, faz assado. Por que você fez isso. Quando eles ligam já sabem que não vão ter esses questionamentos. A gente não vai perguntar por quê, não vai dizer que ele não deveria. Nada disso ele vai ouvir. Nada. É com isso que a gente faz o possível para evitar que as pessoas cheguem ao processo que chama de fator desencadeador. Porque é assim, o suicida passa muito tempo dando sinais. Eles dão sinais. Já foi dito aqui eles dizem: prefiro morrer a ficar neste mundo. Gostaria de sumir, não voltar mais. Gente, é necessário prestar atenção quando as pessoas dizem isso, porque é uma forma de ela pedir socorro. É assim que ela sabe fazer. Mas, normalmente, quem está próximo não percebe, acha que é chique, não leva a sério. Eles dão sinais de que não estão bem, e é necessário prestar atenção nas pessoas que estão dando esses sinais, porque é a forma que essa pessoa encontra de pedir socorro, é assim que ela sabe fazer, e normalmente, quem é próximo dessa pessoa não costuma levar a sério, acha que é frescura, e o ser humano nessa condição precisa ser levado a sério. Muitas pessoas que cometem suicídio deixam cartas com os motivos, por exemplo, num relacionamento: meu namorado terminou comigo, não consigo lidar com isso e cometo o suicídio. A

primeira fala da sociedade é: “Ela se matou, porque o namorado terminou com ela”. Não. Esse foi um fator desencadeador. O CVV trabalha para não deixar esse copinho transbordar. Por que nos esforçamos em esta lá todos os dias, pelo menos agora, no horário das 18h às 22h, porque não temos voluntários para atender as 24 horas, para que todo dia alguém possa falar de um problema e não deixar o copo transbordar. Porque quando transborda é o que chamamos de desencadeador. Não é fácil, não deve ser, segurar uma dor tão grande e não ter com quem dividir isso. Hoje mesmo na palestra na Fatec, eu falei para os jovens, às vezes, o processo começa dentro de casa. A criança simplesmente brincando, montou o lego dela, para ela foi um evento ter conseguido empilhar, mas a mãe está ocupada. Ela fala: Mãe, olha o que eu fiz? Ela fala: Ah, tá. Mas não deu importância nenhuma. Então quando ela tiver outro evento ela vai procurar? Às vezes sim, gente! Às vezes, não. Então, ela pode segurar esse. Ela vai guardar mais um, mais um. Quando chegar à adolescência vai estar com o copinho cheio. O idoso também é alvo muito fácil, por causa da solidão, da perda do parceiro, o medo da morte. Isso é eminente para eles, porque veem que cada dia está mais próxima. A gente não está generalizando. Há pessoas que têm esse sentimento, há pessoas que não têm, mas a gente tem de cuidar de quem tem, certo? Foi um prazer falar com vocês e falar um pouco do CVV que é o trabalho fantástico para mim. Acho que a sociedade precisa. Obrigada.” (aplausos) **Vereador Lisandro Luis Frederico:** “Obrigado, Madalena Ribeiro. Dando sequência abrimos espaço para as perguntas da plateia, é só levantar a mão. A assessoria de imprensa tem pergunta. Não há microfone”. **Pergunta Da Vivian Turcato,** (Feita fora do microfone.) **RESPOSTA da Madalena Ribeiro:** “Se eu falhar alguma de suas perguntas você repete, porque você fez um monte. Vou começar do fim para o começo. Como que a gente consegue ser esse papel em branco? Uma das ferramentas que protegem a nós voluntários, além do treinamento de roleplay que nós temos, mensalmente, que é para esvaziar, a gente aprende a separar o que é meu e o que é do outro. Não para nos proteger apenas, mas para não invadir o outro. Esta é a ferramenta. Hoje o CVV de Mogi, que atende o Alto Tiete, tem poucos voluntários. Hoje, atendemos o plantão das 18h às 22h que é o que podemos oferecer à sociedade. Então, como o número de voluntários é pequeno e a faixa de atendimento também, a média é de 132 ligações. Quando tínhamos 24 horas de atendimento, a média era de 2.000 ligações/mês. O que fazer para ser voluntário? Precisa ter 18 anos para cima. Não temos nenhuma outra exigência que seja essa. Porque a outra vai depender da pessoa, pois no último PSV (Preparação e Seleção de Voluntários) que tivemos entraram 40 pessoas, mas só 12 foram para os plantões, a seleção é natural. Eu dou PSV desde o primeiro ano de posto. Duas vezes eu tive que chegar em uma pessoa e dizer que ela não estava pronta, porque de acordo com o treinamento a pessoa se vê capaz ou não, então elas se excluem ou não naturalmente. É bom para nós que isso ocorra porque dizer ao outro que ele não está pronto não é uma coisa boa, a pessoa pode não entender, mas o processo é tão natural que

nos faz ficar tranquilos. A época do ano em que mais ocorrem ligações: nos Dias das Mães, Dias dos Pais, Natal e Ano Novo. Estes dias, normalmente, são marcados pelas perdas. Pela perda de familiar, pela perda de amigos, por isso o CVV é muito utilizado nesses períodos. E para finalizar, o Secretário falou o número 188, o Ministério da Saúde instituiu esse número para ligações gratuitas para a população brasileira, porém ele é mais utilizado nos estados do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro, e até 2020 esse número se estenderá por todo o país, para as pessoas não se preocuparem com a conta de telefone na hora de pedir ajuda. Esse número foi criado por causa do evento que ocorreu na Boate Kiss de Santa Maria, pelo de muitas pessoas de uma mesma família terem morrido e se acometido de depressão, que é um dos fatores que encabeça essa lista das tentativas de suicídio. Obrigada!” (aplausos). **Vereador Lisandro Luis Frederico:** “Mais alguém gostaria de fazer alguma pergunta? Autoridades? Mesa? Madalena, gostaria de complementar, se você me permitir, que eu fui fazer uma visita ao Centro de Valorização da Vida, fui numa manhã, no horário que não tinha expediente, porque é à tarde, e chega a ser angustiante, porque não havia quem atendesse e o telefone estava tocando. Por não ser horário de atendimento a gente fica preocupado com quem está do outro lado da linha, que precisa de ajuda. E o trabalho que eles fazem hoje é sem nenhum apoio governamental. O telefone que ela acabou de citar, o 188, que é uma nova tecnologia que está sendo lançada, e o espaço deles lá em Mogi vai precisar de novos computadores para atender a essa nova tecnologia. O custo é mínimo, o orçamento que eles fizeram é de mil e trezentos reais, se não me engano, e eles não têm para fazer atualmente. E achei interessante que além de voluntários, vocês são mantenedores do projeto, então não bastando ser voluntários, eles também custeiam toda despesa do projeto, pois tem custo não é? O equipamento é todo profissional, enfim, e agora, estreitando esse relacionamento, tentaremos juntamente com a Comissão de Política Social da Câmara e com a Prefeitura também, já falamos da possibilidade de trazer um curso preparatório aqui para Suzano para conseguirmos algum voluntário para ajudar vocês, porque é um trabalho louvável de fato, que salva vidas e que é um absurdo essas meninas voluntárias estarem trabalhando nesse formato, de tirar dinheiro do bolso, e tenho certeza de que quem passou por um problema semelhante aos que vocês atendem sabe valorizar o trabalho de vocês. Meus parabéns e de toda a Câmara Municipal a vocês pelo trabalho que vocês desenvolvem! Dando continuidade às palestras, para falar sobre a experiência de quem já viveu isso, e eu gostaria de parabenizar desde já pela coragem de falar sobre isso, por usar um momento tão particular para tentar ajudar a outras pessoas e tentar mudar esse cenário que a gente vive e para conscientizar, chamo Ana Rosa, que é uma grande amiga e que está aqui para falar do episódio que ela passou há dois anos e para dividir conosco um pouco dessa experiência.” **Com a palavra Ana Rosa:** “Boa noite Lisandro e os outros vereadores que se encontram aqui presentes, e a todos os que estão aqui. É um dia alegre para mim, poder ver o Poder Público debater um assunto tão

importante, nós falamos aqui que a cada 40 segundos morre uma pessoa no mundo por causa do suicídio. Então, enquanto estamos aqui, mais de 150 pessoas morreram, em menos de uma hora e meia, mais ou menos. Então é uma doença que assola o mundo, que tem aumentado o índice de pessoas que cometem suicídio e por isso é muito importante trazermos às claras, porque é um assunto que é um tabu falar sobre suicídio. Minha filha estava com depressão, é lógico que teve uma causa, que pode ter sido física ou alguma coisa que essa pessoa passou para ter essa depressão, e que acabou culminando no suicídio. Assuntos como o suicídio, a depressão é uma doença e não é levada a sério. Hoje, mais do que nunca, nesses dois anos eu posso dizer, pois eu vivi como mãe, eu não terei os dados estatísticos e toda a experiência dos profissionais que já passaram por aqui, mas eu tenho a experiência do que eu vivi com minha filha, que é muito particular. Dividi essa experiência nas minhas redes sociais, para poucos amigos; compartilhei no Facebook uma semana, dez dias após minha filha ter partido, o motivo de ela ter agido daquela forma. Naquela época, eu tinha mais ou menos 300 (trezentas) pessoas que faziam parte dessa página na rede social, e eram amigos, eu só aceitei pessoas conhecidas. A minha família, os amigos que frequentavam a minha casa sabiam o que estávamos passando, mas a maioria não. Eu falei primeiro porque na partida dela, muitas pessoas saíram comentando que ela tinha cometido o suicídio, que tinha sido vítima de overdose, e a minha filha não usava drogas ilícitas, pelo menos, pois como qualquer depressivo ela usava bastante as drogas lícitas, foi uma forma de eu não estar em alguns lugares, que eu deixei de ir. Em alguns momentos os amigos entenderam o porquê eu não estava presente, mas não sabiam a causa. E quando eu compartilhei isso não era um desabafo, era como se eu estivesse explicando aos meus amigos. E eu não imaginava que teria tantos compartilhamentos que tive, que não é nem questão de curtida, porque não é uma coisa que as pessoas curtem. Mas na época chegou a 3 mil compartilhamentos, alcançando grupos com mais de 10 mil pessoas, foi para fora do país. E a partir daí, as pessoas começaram a falar comigo pelo “in box”, apesar de não ser amigo as pessoas ficam sabendo da história e entram em contato por esse meio, então eu recebi milhares de depoimentos, acho que demorei mais de um ano para ler todos, mas fiz questão de responder a todos, Só não respondi os que eu não li. Foram quase dois anos. E o que eu aprendi nesses dois anos? Ouvindo o pessoal do CVV falando, eu estava lá atrás conversando e dizendo: que trabalho lindo! É um trabalho de amor ao próximo, e ao próximo que elas nem conhecem, nunca viram o rostinho, não convivem e nunca irão conviver, mas a gente aprende que a pessoa com depressão, ou alguma causa que leve a pessoa ao suicídio, é uma pessoa muito levada na “brincadeira”, e o principal local em que ela não é levada a sério é dentro de casa. O que eu mais escuto, não é só de jovens, mas também de mulheres e homens casados, que falam que em casa ninguém leva a sério essa depressão. Quando é jovem e está dormindo muito é chamado de vagabundo, preguiçoso.

Minha filha passava por períodos em que ela queria ficar em casa, queria ficar quietinha, a gente fala da importância de ouvir, mas também dar importância de acolher, de simplesmente ficar quietinho ao lado daquela pessoa, de simplesmente abraçar e mostrar a ela, de alguma forma, até ficando em silêncio, de que você se importa com o que ela está passando por aquele momento de dor, que aquilo é importante para ela e que a machuca, como as pessoas costumam dizer, a depressão é uma doença da alma, não é uma doença física, e eu costumo comparar com o câncer, assim como nem todo câncer mata, também nem toda depressão vai matar, mas a maioria das pessoas que são suicidas passaram pela depressão. O suicídio é contagioso. Divulgar o ato suicida é prejudicial. Agora é importante falar sobre o suicídio, precisamos falar, quebrar barreiras, quebrar esse tabu. Eu recebo pessoas que estão a minha volta, meninas, mulheres, homens, que eu convivo, que são meus amigos e que eu não sabia que haviam passado por depressão, pois o depressivo tem vergonha, porque essa não é uma doença aceita pela sociedade, porque não é aceita nem pelo pai, pela mãe, pelo marido ou pela esposa que está ali. Então como a sociedade vai aceitar? Eles tentam camuflar essa depressão, tentam esconder ao máximo. Quando a família começa a perceber é porque essa pessoa já está num estágio muito avançado da doença, foi meu caso, quando percebi que minha filha estava sofrendo de depressão, foi quando ela já estava tendo manifestações físicas, elas desmaiava, ela passava mal, o coração disparava, a gente imaginava que era uma síndrome do pânico, imaginava que ela tinha problema cardíaco ou neurológico, nosso primeiro passo foi levá-la em todas em todos os médicos e todos os exames davam negativos. Ela estava no último ano de faculdade, fazendo o TCC, por isso eu imaginava que podia ser a pressão de faculdade, dos trabalhos acadêmicos, ela sempre foi uma menina que conversávamos muito, e éramos muito próximas. Mas ela guardava um segredo. E esse segredo que ela guardou por treze anos, é que veio a desencadear tudo isso, quando ela estava com 20 anos, a doença começou a se manifestar, e acabou tirando a vida dela quando ela tinha 23 anos. Quando vimos que era psicológico, o primeiro passo foi admitirmos que era um problema psicológico e não físico, então a levamos a um psiquiatra, que a diagnosticou com um real problema, pois ela desmaiava, já estava tendo algo físicas, então procuramos também a ajuda de um psicólogo. Por que eu fico muito contente do Poder Público e da Saúde Pública começar a se manifestar, principalmente nesta cidade, a preocupação com esse tipo de doença mental em geral e não só com a depressão? Essa é uma doença muito cara, gente! O medicamento para o depressivo, que muitas vezes toma a droga por uma ou duas semanas e não se adapta a ele. Minha filha faleceu há um pouco mais de dois anos, na época nós gastávamos R\$ 500,00, R\$ 600,00 por mês, com medicamentos. O medicamento não dá certo? Em três semanas você joga tudo no lixo e começa com novo medicamento, até ao que ele vai se adaptar. Ela fazia sessões com a psicóloga, uma vez por semana. Quando estava em crise, fazia duas vezes por semana. Isso o meu plano de saúde não cobria. Então, a

gente tinha de pagar. Uma consulta de um psicólogo hoje em dia, você paga de R\$ 80,00 a R\$ 300,00, aqui na nossa região. Em São Paulo, há profissionais que cobram mais caro. Havia uma injeção que ela tomava, para quem a toma são 3 vezes num único mês e depois passa a tomá-la uma por mês. Essa injeção substitui um medicamento, que com o passar do tempo fará mal para o estômago, acarretando outras doenças. Esse medicamento evita outras doenças. Uma dose dessa injeção custava R\$ 1.800,00. A primeira nós pagamos, depois o plano de saúde pagou. Mas quem não tem plano de saúde? Quem não consegue? Como fica? Eu estava conversando com a Dra. Dulce e ela estava me contando sobre alguns resgates que ela está fazendo de algumas pessoas com doenças mentais, que são da cidade, eles irão preparar uma casa específica para isso, e eu achei maravilhoso, porque são pessoas jogadas feito bicho. No Brasil, não temos clínicas à disposição, com condições dignas de tratamentos para doenças mentais. Uma pessoa, às vezes, que tentou suicídio, dependendo do caso é indicado que ela seja internada, passa um período de recuperação ali. Como você vai jogar seu filho numa clínica em que você vai visitá-lo e vê que as pessoas são como bichos? É necessário o Poder Público abrir os olhos, dar condições mais dignas para o ser humano que precisa desses tratamentos. Precisa estar mais próximo da população, estar ao alcance. Parabéns a vocês! Esse é só um comecinho dos trabalhos. O local está cheio, eu vi que o Lisandro ficou preocupado, no início, porque não havia ninguém para ouvir as palestras, mas agora está cheio, e também estamos sendo ouvidos através da internet, que é poderosa para divulgar isso. Eu cheguei a gravar um vídeo para um jornal aqui da região, não está no Youtube, mas só do pessoal que compartilhou no nosso Facebook já está em quase 70 mil visualizações. Nesse vídeo, eu conto um pouco da nossa história, do que passamos no dia a dia com a Ana Luiza. Ela foi vítima, aos dez anos de idade de abuso sexual, dentro de uma escola particular em Mogi das Cruzes, que é outro assunto que hoje por a gente ter aberto, a gente vê que mais comum do que a gente imaginava, infelizmente. São assuntos que estão aí dentro da nossa casa. As pessoas convivem com esses tabus e escondem. Eu sei de pessoas que têm familiares que tiraram a própria vida, que cometeram suicídio, mas é escondido dos filhos, da família que essa pessoa fez por escolha dela. Não animada por essa escolha, Ana Luiza era uma menina que tinha sonhos, fazia planos, ela tinha alegria de viver, ela fez uma faculdade, ela chegou a concluir um curso de extensão da faculdade, ela tinha planos de abrir um negócio na área de seus estudos. Ela se esforçava muito, mas o trauma que ela viveu na infância, e o período em que ela guardou esse segredo, de repente, se ela tivesse tido a coragem de nos contar, ou se tivesse essa divulgação do CVV, que é tão importante, talvez esse segredo tivesse saído dela precocemente e ela não tivesse sofrido do transtorno pós-traumático, que foi o que causou toda a depressão. Ela guardou isso tudo, nem mesmo a melhor amiga dela sabia dessa história. Ela guardou isso, e nós, os pais, só ficamos sabendo disso tudo, seis meses antes da partida dela, porque ela contou para a

psicóloga. Depois de quase um ano de tratamento com essa profissional, e quando ela contou ela pediu para que a psicóloga nos chamasse para nos contar a história que aconteceu com ela aos dez anos de idade, porque ela não tinha coragem de nos contar. Quando ficamos sabendo a gente a acolheu, já a acolhíamos, mas a pessoa que passa por isso também tem vergonha. Hoje sei mais sobre isso, é um perfil típico de quem passa por isso de sentir vergonha e sentir-se culpado. Então ela conseguiu dissimular isso. Nunca imaginamos que ela havia passado por uma situação dessas. Eu vejo que muitas meninas passam, e muitos meninos também, porque a gente fala só das meninas, mas há muitos meninos que passam pela mesma situação. Então, talvez conheça alguém que tem depressão, que já tentou o suicídio, pode ser patológico, mas pode ser algo que desencadeou essa depressão e isso vai levar a querer acabar com a vida dela. É realmente necessário aprendermos a ouvir e aprender a levar a sério o que as pessoas a nossa volta estão passando. Nesses dois anos, muitos pais me procuraram, por meio das redes sociais, para compartilhar que desconfiam que os filhos estão passando pela depressão, ou mesmo os jovens que, às vezes, me procuram e dizem que estão com depressão e que os pais não os estão levando a sério. Quando me é permitido eu converso com esses pais ou tento orientar esses jovens a procurar ajuda de um psicólogo, de um psiquiatra. A ajuda médica é necessária, mas o principal é em casa, ao nosso redor, a gente detectar essas pessoas e tentar ajudá-las, as pessoas precisam cada vez mais. As redes sociais são fabulosas para que nós consigamos levar essa mensagem. Só de olharmos a pessoa da CVV que palestrou, podemos ver o rostinho dela cheio de amor pelo próximo, que ela nem conhece e, às vezes, a gente não consegue dar essa atenção nem para a pessoa que está ao nosso lado. Minha filha não deixou cartinha, porque nós estamos num tempo um pouco mais moderno, ela me deixou uma mensagem nas redes sociais. Ela deixou uma mensagem para mim e para o pai dela, um pouquinho antes de partir. E as únicas palavras que ela falou eram de gratidão. Ela agradecia tudo o que eu e o pai dela tínhamos feito por ela, e que não tínhamos culpa pelo que ela havia passado e que não tinha conseguido superar aqueles momentos. Havia duas semanas que ela não dormia, ela ficava comigo na cama, mas ela levantava de madrugada, eu acredito que por ela ter revivido tudo isso novamente em detalhes, e ela tinha visto uma cena na televisão também, e com isso ela não conseguia apagar da mente o que ela tinha vivido.

Eu não a julgo a partida dela, não julgo seu ato. O ser humano é único, e a mente é uma caixinha que, cada um é cada um. Eu não julgo quem me procura, e acredito que por eu ter me aberto, as pessoas se sentem confortáveis de falar comigo e até mesmo de se identificar. Por ter falado de tantos tabus, como a violência, a própria depressão, o suicídio, a minha filha por um período se automutilou, a psicóloga a ajudou a parar, mas a dor que ela sentia era muito maior do que dor que ela sentia se cortando, e não eram cortinhos de arranhões, eram cortes bem profundos, e ela iria passar por uma cirurgia para consertar o que ela já havia feito nela mesma. Então é isso! O que

me motiva a falar sobre esse assunto, que é muito bem-vindo, é que nesses dois anos eu tenho colhido surpresas boas. Eu sempre me coloquei aberta a conversar sobre o assunto, nenhum tipo de pergunta me choca, n me deixa triste, nem me ofende, porque o que eu tinha de maior para perder era a minha filha, e eu já a perdi, então eu acho que nada me dói mais que a partida da minha filha. As perguntas não doem, mas é importante falarmos, acolher essas pessoas, e podemos ver que ao passo em que vamos falando e nos abrindo as pessoas nos procuram. Eu hoje, graças a Deus, sou uma pessoa que, às vezes, estou em algum lugar e as pessoas me procuram falando e se apresentando, perguntam se eu me lembro dela. É difícil lembrar o nome de todos porque recebo muitas mensagens, pelo WhatsApp, mas eu me proponho a conversar com essas pessoas e depois elas dizem que ficaram bem, que conseguiram superar. Então, muitas vezes são casos crônicos, mais sérios, mas tem os casos que seriam necessários só um pouco da atenção da família ao lado, e de ter um acompanhamento e a pessoa consegue sair dessa, e como a pessoa da CVV falou, essa é uma vida que você consegue ganhar e uma vida não tem preço. Isso é o que tenho para compartilhar com vocês. Obrigada.” (aplausos)

Vereador Lisandro Luis Frederico: “Obrigado, Ana Rosa. Eu queria dar sequência abrindo espaço para a plateia, para alguém que queira fazer perguntas, é só levantar a mão. Não temos perguntas. Alguém da mesa gostaria de fazer perguntas? Não? Embora você já tenha “pincelado” para mim, eu gostaria que você nos contasse do que ocorreu nas vésperas do fato. Porque sua filha estava num processo de crescimento, de melhoria e vocês estavam dando toda a atenção necessária e essa situação chegou como uma surpresa. Gostaria que você contasse a todos como aconteceu.” **Com a palavra Ana Rosa:** “No caso da minha filha, ela tinha esse trauma do abuso sexual, que aflorou nesses dois últimos anos de vida dela, que começamos a acompanhar, porque ela estava com namorado sério, e por ter passado por esse trauma sexual, acredito que quando ele quis ter um pouco mais de intimidade, ela começou a reviver isso e não quis, então ela começou a travar uma luta, porque ela amava o namoradinho dela, mas eu creio que foi isso que trouxe todas as lembranças de volta e ela começou a entrar em pânico. Como ela conseguiria continuar com esse namorado, que ela amava, ao mesmo tempo ela não prosseguiria com esse namoro, no passo que estava, porque ela não ia conseguir chegar aos finalmente Creio que tenha sido esse drama dela, eu pensei que era por conta da faculdade, mas não era, porque depois vimos com o cronograma de tudo o que foi acontecendo. E as duas últimas semanas dela, ela dormia comigo, e ela falava muito comigo. Ela não falava que iria tirar a própria vida, mas ela sempre dizia que não estava aguentando mais, ela dizia que não estava conseguindo, pois se ela dormia ela tinha pesadelos, e se ela ficava acordada ela ficava pensando, então ela não tinha sossego. Depois que ela faleceu, eu descobri que ela não estava tomando medicamento para dormir, e por mais que nós a vigiássemos, ela já era maior de idade. Naquele dia eu a deixei na casa da minha mãe. E ela não estava bem naquela semana, e quando

ela não estava bem, não deixávamos ela sozinha, mas eu tinha que ir trabalhar aquele dia, e eu a deixei na casa da minha mãe, ela entrou e bateu o portão, e isso me fez pensar que ela havia entrado para a casa, passaram mais ou menos umas três horas, meu marido me ligou dizendo que ela não estava lá na minha mãe, e isso não era um comportamento dela. Ela não era de ficar ameaçando, realmente no dia em que ela resolveu tirar a vida. Às vezes temos que ficar de olho porque esse tipo de suicida não vai ficar ameaçando, ele vai premeditar como vai fazer, e sabendo que ela era uma pessoa muito firme e decidida, então sempre fiquei muito atenta, porque eu sabia que se ela fosse tentar o suicídio, ela iria fazer muito bem feito, ela não iria ficar tentando chamar a atenção. Em casa ela tinha a nossa atenção, ela sabia e tinha noção da gravidade da situação em que ela se encontrava, ela não precisa cometer o “quase suicídio”, então ela cometeu o suicídio porque ela realmente não suportava mais conviver com essas lembranças dela. O que eu podia fazer era dormir todos os dias com ela, conversávamos o máximo que podia, ocupava o tempo dela, ela tinha várias atividades por dia, para ocupar-se. Ela era filha única, e a partida dela foi difícil, a princípio você fica naquele luto que é natural, e eu tinha consciência que era natural, mas passadas duas semanas eu voltei ao trabalho, quadruplei o ritmo desse trabalho, para não ficar dentro de casa, pensando. Final de semana é sempre mais difícil, porque, pela própria depressão, ela era uma menina muito caseira, muito família. Você ter um suicida na família acaba envolvendo a todos, e até mesmo amigos que estão ligados a ele. E da minha forma particular, eu tentei driblar essa depressão para não cair na mesma coisa que ela, igualmente meu marido. Tenho um irmão que passou pela depressão, Graças a Deus, ele ficou muito mal, quase um ano, meu cunhado também. Não pode falar no nome dela, há amigos dela que entraram em depressão por causa da forma trágica que ela partiu, que era uma menina muito doce, e muito participativa, apesar desse lado depressivo. Mas com a depressão éramos nós estávamos em casa e ela com ela mesma. Ela não envolvia as pessoas ao redor.” **Vereador Lisandro Luis Frederico:** “Obrigado, Ana Rosa. Eu acho que justamente por esse seu sentido de solidariedade e de força que você demonstrou depois que tudo isso aconteceu, o quanto você com pode evitar novas ocasiões nesta situação, e essa solidariedade faz isso, acho que é isso o que motivou a Vivian, da Câmara Municipal, lembrar para que fizéssemos uma homenagem para você hoje, de entregarmos uma flor. Gostaria de pedir uma salva de palmas para você e sua história, pela sua posição e decisão de vir até aqui.” (aplausos). Viviam Turcato entregou orquídea para a Ana Rosa. **Ver. Lisandro Luis Fredrico:** “Obrigado mais uma vez Ana. E hoje, nas conversas que tivemos, tive a surpresa, conversando aqui com o vereador Max, eu soube de alguns relatos dele, talvez isso tenha sido o motivo de ele ter ficado tão sensibilizado para que essas palestras aconteçam, e hoje pudéssemos modificar a vida de algumas pessoas que estão nos assistindo, ou que terão a experiência de conversar com alguém que está aqui, então eu gostaria que o vereador Max fosse à tribuna para nos

dar as suas palavras também, por favor.” **Com a palavra o Ver. Max Eleno Benedito – PRP (Max do Futebol):** “Boa noite a todos. Boa noite a todas. Gostaria de cumprimentar a imprensa, gostaria de cumprimentar também os amigos que fazem parte da mesa, a profissional Dulce, psicóloga, gostaria de cumprimentar o professor Leandro Bassini, a Jussara, a Ana Rosa, também a Vivian e parabenizá-la, juntamente com o Vereador Lisandro pelo início do evento. Cumprimento também a representante do CVV, Madalena, cumprimentar o Subtenente Assuíses, que tem acompanhado nossos trabalhos realizados aqui na Câmara, cumprimentar o investigador da polícia Maurício, e ao vereador Rogério da Van, e também o Vereador Lisandro Frederico. Vou ler um tema referente ao suicídio: “Falar do suicídio é muito importante, pois podemos dar conscientização a quem está querendo tirar sua própria vida. Os casos de suicídio têm aumentado em todo o mundo, e percebo um número muito significativo nos últimos anos aqui em nossa cidade de jovens que tiraram sua própria vida. Mesmo com o número de suicídios cada vez mais altos, o assunto é considerado um tabu para muitas pessoas. Este projeto poderá promover ações planejadas e desenvolvidas em conjunto com os Poderes Executivos e Legislativos Municipais e com outros órgãos públicos e privados, promovendo palestras, apresentações, distribuição de panfletos, folders e ações. Trata-se de um assunto de extrema importância para que todos possamos incluir o Setembro Amarelo nos nossos calendários, e eventos do município, desenvolvendo ações visando prevenir os casos de suicídio, e auxiliar as pessoas que passaram por sofrimentos emocionais, bem como aquelas que foram impactadas pelo ato de suicídio, para que através dessas ações elas possam vislumbrar o amparo e a esperança de vida”. Eu, em 2015, tive um acontecimento na família, Patrick, um dos meus irmãos, somos oito irmãos, sendo eu o mais velho, ele foi a um baile funk, num sítio chamado Quero-Quero, fica localizado na Estrada dos Fernandes, e me lembro de que nesse dia meu pai dificultou de todas as maneiras para que o Patrick não saísse de dentro de casa, mas ele acabou saindo e indo para essa festa de baile funk (Emocionado chora. Pede desculpas), e ali ele inalou muito lança-perfume, e acabou acontecendo essa fatalidade. Venho guardando esse sofrimento durante dois anos. Por ser o mais velho da família, tive que acolher todos os meus irmãos e a minha mãe. Dos meus irmãos, o Matheus, que está aí na plateia, tem 18 anos de idade, sofreu muito com a perda do nosso irmão Patrick. Eu não admitia mais na minha família, como irmão mais velho, de perder outro irmão pelo mesmo motivo que aconteceu a morte do Patrick, e o Matheus também estava indo pelo mesmo caminho. Ele falava que ia tirar a própria vida também, por ele ser muito próximo do Patrick. Eu acolhi o Matheus como um filho, como irmão. Hoje me sinto muito feliz por ver meu irmão com toda a minha equipe. Agradeço minha equipe toda, Castor, pastora Sirlene, o Zé, Juliano, Amanda, Luzia e todos, também a Dulce, foi quem começou o tratamento do Matheus com os medicamentos. Hoje ele faz tratamento pelo CAPS, e o trabalho de acolhimento feito por mim, de familiares e amigos

também o ajudaram. Peço desculpas aqui, por esse momento, mas eu precisava desabafar toda essa situação que estava me corroendo já há dois anos, e amanhã será de minha autoria o projeto de lei para colocarmos essa data do Setembro Amarelo no calendário de nossa cidade. Desculpem-me, eu precisava deste momento, que está sendo especial para mim. Obrigado.” (aplausos) **Vereador Lisandro Luis Frederico:** “Não sei se alguém quer fazer alguma pergunta para o Max sobre isso, se quiserem é só levantar a mão. Eu também gostaria de parabenizar o Max por dividir conosco essa história, sei que é um momento difícil para você, mas essas ações podem mobilizar e conscientizar muita gente do perigo que é esse assunto e do quanto, momentos como esse, essa sua solidariedade, podem prevenir que outras pessoas cometam esse ato. Há muitas pessoas aqui, há também as pessoas da internet, e temos uma mesa aqui com pessoas de muita experiência. Então se você tem algum parente, amigo que esteja precisando de auxílio, com certeza, vocês puderam oferecer uma palavra, que talvez possa salvar uma vida daqui a pouco. Por isso eu gostaria de parabenizar a presença de todos que se solidarizaram a virem aqui de forma voluntária, e dividirem um pouco de suas experiências. Há alguém que quer fazer uma pergunta. **PERGUNTA da Sra. Sueli Agush:** “Eu tive um caso na família, foi antes do caso da filha da Ana Rosa, a minha nora também cometeu suicídio, e foi na frente dos meus dois netos, que hoje têm 4 e 9 anos, eles tinham 2 e 7 anos quando aconteceu, e hoje eles querem viver comigo. E a minha netinha fica muito quieta, muito triste, chorosa, e eu fico com medo de que seja o início de uma depressão. Ela diz que está com sentimento ruim dentro dela, que está tudo muito pesado para ela, é uma preocupação que eu tenho tido ultimamente. Ela tem pedido para eu levá-la ao psicólogo, para ela contar para ele. Ela pergunta para mim, eu posso falar isso para ele? Pode. Então, minha preocupação é que como a mãe dela cometeu o suicídio, se isso pode ser uma coisa que ela possa carregar também. Hoje eu vim para os escutar e tentar entender um pouco, e talvez ajudá-la, pois essa é uma questão que tem me preocupado, talvez a psicóloga Dulce possa me orientar, tenho que fazer esse trabalho com os dois netos? Eu queria entender melhor sobre esse sentimento ruim que minha neta diz que está dentro dela. Obrigada!” **RESPOSTA da psicóloga Dulce Ramos:** “Oi Sueli. Acho que não abordamos o tema de sofrimento na infância, mas as crianças têm sofrimento emocional. É lógico que o suicídio não é hereditário, acho que temos que desconstruir esse mito, não é porque uma pessoa é filho de quem cometeu o suicídio que necessariamente esse evento vá ocorrer. Infelizmente muitos temas ficaram sem ser abordados, mas o luto dos sobreviventes, de quem fica, pois são pessoas que também precisam de cuidados, ajuda, eu acho que a Ana Rosa falou isso claramente, que em torno de quem comete suicídio, há um grupo de pessoas de no mínimo seis a dez pessoas que sofrem profundamente essa perda, no caso dos filhos com certeza haverá esse sofrimento, e necessariamente pode não ter relação direta com o evento do suicídio, mas com a falta da mãe, você disse que ela está com que idade? Nove

anos. Isso significa que ela está no início da puberdade, há um outro momento da vida dela, acho que nesse momento vale a pena considerar esse pedido de ajuda que ela fez, mas isso não quer dizer que existe a hereditariedade, precisamos desconstruir essa ideia, mas precisamos entender que o sofrimento do familiar precisa ser cuidado.” **PERGUNTA do Sr. Laudo Lukoiama:** “Boa noite a todos, boa noite a todas. Meu nome é Laudo Lukoiama, eu sou professor, cheguei um pouco atrasado porque estava na escola. Eu gostaria de fazer uma pergunta para a doutora Dulce. É o seguinte: tomei conhecimento de dois casos de suicídio, as duas histórias são semelhantes, uma delas era descendente de japoneses, o pai era promotor de justiça e queria que o filho seguisse o mesmo caminho, porém tomei conhecimento que o filho queria ser artista, e embora não houvesse brigas na família o filho não conseguiu seguir o caminho que queria e suicidou-se. E o outro caso, isso faz uns 20 anos, ocorreu numa família de militares, não sei se o pai era tenente ou qual era a sua posição, mas esse pai queria que o filho também seguisse carreira no exército, mas esse filho também não queria, e cometeu suicídio. Nestes dois casos que têm peculiaridades de suicídio, para prevenção do suicídio, tem alguma forma de passar essas informações aos familiares que têm educação severa para que não haja suicídio nesses tipos de casos? Era isso que eu gostaria de saber. **RESPOSTA da Dulce Ramos:** “Não sei se compreendi o final de sua fala, você está falando sobre a rigidez, é isso? Sim? Então, como eu disse no início, os casos de suicídios não têm uma única causa, às vezes, tem um motivo que desencadeou o suicídio, por exemplo, a pessoa não passou no concurso, perdeu o emprego, teve uma separação, esse pode ter sido o evento que motivou o ato impulsivo. Mas temos que levar em consideração toda a história daquela pessoa. A história de vida, o sofrimento que ela já teve, se ela tinha algum adoecimento emocional, ou não, como eu falei, nem todos os casos têm o transtorno mental, mas boa parte das pessoas que cometem suicídio tem um sofrimento ou uma doença mental. Pode ser que tenham vários fatores, pois é multicausal. É lógico que, como a Ana Rosa e todas as pessoas falaram aqui, o diálogo é fundamental para compreendermos o que está acontecendo com aquele indivíduo. E em nossa sociedade que temos um rigor muito grande, que se exige grande desempenho, quando a pessoa não sente que alcança essa meta, ela pode não conseguir lidar com a frustração, e algumas pessoas, por não estarem bem emocionalmente, podem chegar ao ato de cometer o suicídio. Você citou um evento de 20 anos atrás, vemos que não é um evento de dias atuais, mas marcou aquela pessoa da mesma forma há 20 anos assim como marca as pessoas de hoje. Esse é um fenômeno que é da história da humanidade, não é um evento atual, infelizmente, ele aumenta, não sabemos se é pela notificação, ou se pela nossa organização social. Não sei se minha resposta contemplou o que você gostaria de saber, que era a dúvida sobre a rigidez. Tudo bem?” O Presidente passa a palavra ao **Ver. Rogério Gomes do Nascimento – PRP (Rogério da Van):** “Boa noite gente. Como acabamos de falar, é bom a gente perguntar um “como vai você”, é bom darmos o “bom dia”

ou “boa noite”, é bom acordar de manhã e dar um bom dia, que isso faz bem ao próximo, às vezes dar um abraço, como fiz com meu amigo Max aqui agora, é muito importante conversar com os filhos, com a família, é importante para o dia a dia. Gostaria de começar cumprimentando o vereador Lisandro, Max, a todos os integrantes da mesa, e dizer que esse tema é muito importante. Eu mesmo já vivenciei muitos casos de suicídio, vivi 12 anos no Japão, e foi lá que presenciei muitos casos de suicídio de alguns amigos que tive lá. Então essa é uma situação muito difícil, porque às vezes vemos a pessoa ao nosso lado, alegre, sorrindo, mas não sabemos o que ela passa. Tenho amigos que fazem um trabalho de animação, como palhaços, são comediantes, e eles não são felizes, são pessoas tristes. Quando cheguei aqui hoje e vi a Ana Rosa, aparentemente ela é uma pessoa muito contente, eu não sabia da história dela, e fiquei admirado, porque perder um filho não é fácil! Eu tenho três filhas e fiquei imaginando a situação de vocês. eu me senti com raiva ali, pensando na pessoa que fez isso, não sei hoje se ela sabe do acontecimento. Também gostaria de parabenizar o Max por dividir conosco e falar sobre esse assunto, eu também não sabia disso. Parabéns a Vivian, ao Lisandro, pela iniciativa, parabéns a todos! Gostaria de dizer que estou a disposição, podem contar comigo, e obrigado pela oportunidade.” O presidente passa a palavra à Vereadora Gerice Lione. **Com a palavra Ver^a. Gerice Rego Lione – PR (Esposa do Prefeito da Academia):** “Boa noite a todos. Quero cumprimentar a mesa, o público, a imprensa. Boa noite! Fiz questão de trazer minha filha Sabrina hoje, porque já duas vezes ela chegou a nossa casa contando que um amiguinho da escola dela já falou várias vezes em se matar, porque ele acha que ninguém gosta dele, então fiz questão de ela participar dessa palestra, e amanhã, se Deus quiser, ela pode ajudar esse amiguinho dela. Esse é um assunto muito importante, eu queria agradecer a Vivian por ter me convidado, ao Lisandro por organizar esse evento, a todos os palestrantes, à Ana pelo testemunho que ela deu aqui, ao Max. Parabenizo pelo evento, Lisandro, Vivian. Porque sabemos que é um assunto muito importante, sou policial, e não atendi uma ou duas ocorrências de suicídio, mas atendi várias ocorrências de suicídios. Quantas pessoas aqui já ouviram falar que essa atitude vem de falta de ocupação, falta de carpir mato, falta de lavar louça e sabemos que não é, quem já presenciou. O pai de uma amiga minha se matou enforcado dentro da própria casa. Então sabemos que é um assunto muito importante e eu convidei pelo WhatsApp várias pessoas, mas foi convite de última hora, por isso muitos não conseguiram vir participar. Gostaria muito que a plateia estivesse cheia, porque é um assunto muito importante, interessante, e alguém pode salvar uma vida nesse momento. Muito obrigada a todos e parabéns pelo evento!” **Vereador Lisandro Luis Frederico:** “Obrigado, Vereadora Gerice. Vereadora, você falou da sua filha agora, e me esqueci de comentar que uma das coisas que mais me motivou, juntamente com a Vivian, a fazer e organizar esse projeto, durante este mês, é que quando eu tinha 12 anos, eu tinha uma amiguinha de escola, ela era negra, sofria muito preconceito dentro do ambiente

escolar, e era nítido o bullying, mas como o Bassini falou, não tínhamos muita consciência do fato, afinal eu também tinha só 12 anos, e só hoje temos noção da gravidade do assunto. O nome dela era Tamires, e só tomamos dimensão da gravidade do assunto, quando aos 12 anos ela se enforcou dentro do próprio quarto, e ali perdi minha primeira amiga, e eu era criança. Então, hoje a gente consegue compreender a importância de falar sobre este assunto. E acho que estamos aqui hoje pela Tamires, pelo irmão do Max, pela Ana Luiza, pela nora da Sueli, que eu também soube do caso e acompanhei pela imprensa o que ocorreu, e curiosamente todos esses casos tiveram muita polêmica envolvida. A Sueli pode confirmar isso, as pessoas, às vezes, em vez de se aterem à questão da saúde mental e da importância de se debater isso, preferem usar da maldade para falar desse assunto. Lembro que na época da minha amiguinha, ela com 12 anos, houve muitos comentários “paralelos” sobre a atitude de uma criança de 12 anos. E hoje, com mais consciência, a gente consegue entender melhor sobre coisas que não entendíamos lá atrás. Finalizado tudo isso, com a sensação de dever realizado dessa comissão, de promover esse debate, de conseguir, talvez, prevenir novos casos, eu gostaria de agradecer a presença da vereadora Gerice, do vereador Max, do vereador Rogério, agradecer mais uma vez a presença da doutora Ariana Anari Gil e da doutora Jeaine Cristina Gil, da OAB, ao Secretário de Desenvolvimento Econômico André Loduca, ao ex-vereador e presidente do PSD, Said Rafal, ao subtenente Assúres, que é chefe de instrução do Tiro de Guerra de Suzano, ao Matheus Moreira, coordenador da AMAI e a toda a mesa que está aqui, lembrando as pessoas: Dulce Ramos, psicóloga, ao professor Leandro Bassini, que falou sobre bullying, ao Maurício Alexandre que falou sobre cyberbullying, a Jussara Pantaleón, que precisou fazer ajustes na agenda, mas conseguiu estar aqui conosco, a Ana Rosa que dividiu suas experiências com a gente, a Madalena Ribeiro do CVV, acredito que não me esqueci de ninguém. Agradeço a Vivian Turcato também, que foi quem teve a ideia dessas palestras se realizarem hoje. A imprensa, ao público presente. Nada mais havendo a declarar, às 22h38, o presidente agradeceu a presença de todos e encerrou a Audiência Pública.

Plenário FRANCISCO MARQUES FIGUEIRA, em 26 de novembro de 2017

VER. JOSÉ IZAQUEU RANGEL – ZAQUEU(PSDB)
Presidente

VER. LISANDRO LUIS FREDERICO – PSD (Lisandro da ONG PAS)
Presidente da Comissão de Política Social

Ver. Antonio Rafael Morgado -PDT
(Prof. Toninho Morgado)
1º Secretário

Ver. Max Eleno Benedito – PRP
(Max do Futebol)
2º Secretário

